

BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1899



Cartão
do
Presidente da Republica

28 de Fevereiro de 1899

Ex. mo pro Conselho plebeo de Castello,

Tenho a honra de pensar
o sentimento da amizosa parte que V.
em S. do meu querido, me dirigio, e
agradeço as phrases extremamente devesas
com que V. se envia para felicitar-me
pela minha accção ao poder

Como V. faz diversos votos
para que os dois paizes Portugal e Brasil
poda ser mais estretos e se laços fraternos
que se unem, para e que concorre, com
doçida, e manifestações de sympathia
que em differentes pontos haçillaras
foam feitas e illustra officialmente de
pseudos "Adamasio"

Apresentando p. V. agra-
decimentos pelo offerte, que teve a
amabilidade de fazer-me, de primeiro
numero de bella revista "Brasil
Portugal", de cuja redacção V. faz
parte e a qual desejo muitas prosperi-
dades, amigues-me, com toda a consi-
deração e estima,

De V.

Ex. mo Off. do

Com. pro. Pol.



Chronica Electrica

No "Chapeu de Sol."

(A Coelho Netto)

Agora a que pegamos na penna para escrever esta chronica, vem de regresso, cortando ufano as aguas do Atlantico, o *Adamastor*, esse elegante navio da marinha de guerra portugueza que em si consubstancia o grito patriotico de um povo livre n'um momento angustioso da sua existencia historica.

E vem coberto de gloria d'essa longa viagem pelas aguas brasileiras, d'essa visita carinhosa e affectiva aos nossos irmãos d'alem-mar, que em todos os portos onde elle entrou se desentranharam em provas de fervorosa sympathia.

N'esta época de descrenças criminosas e egoismos ferozes, n'esta quadra secular em que uma indiferença quasi stoica parece querer estrangular nas suas tenazes de ferro todas as aspirações e altruismos da sociedade portugueza, o *Adamastor* é o symbolo sagrado da patria, acordando sobressaltado do seu profundo somno capuano, no momento lancinante em que o estrangeiro lhe vibrou desrespeitoso uma ameaça irritante.

Por um segundo—que as coleras dos povos não duram horas—a velha alma portugueza, tantas vezes experimentada ao sol avermelhado de cem batalhas, dispersou do seu lethargo. Ricos e pobres, nobres e plebeus, sentiram na face o mesmo calor, no sangue a mesma corrente, nos nervos a mesma vibração, e vieram todos dar o seu obulo como teriam dado a sua carne, senão para oppôr a força á força, ao menos para lavrarem um protesto nobilissimo de que as velhas espadas dos seus heroes não se tinham quebrado completamente nas trevas poeirentas do magestoso sarcophago da historia.

Cada cavilha, cada peça, d'esse navio representa uma parcella dos haveres de milhares de cidadãos portuguezes. Atravez os seculos elle faz reviver o caso historico de quando as donas e donzellas de Chaul vieram oferecer as suas joias ao visor-rei D. João de Castro, para elle prover ás despesas da armada que devia combater os mouros inimigos de Portugal.

E lá das terras distantes da nação brasileira, onde vivem tantos milhares de homens que pela vez primeira viram a luz do sol n'este pequenino canto do occidente, echoou o mesmo grito, e emocionou-os igual sentimento, que os levou a concorrer tambem para a construção do *Adamastor*, o navio cujo nome traduz o episodio mais epicamente magestoso do poema de Camões.

E acalmados os animos, e restabelecida a serenidade dos espiritos, elle lá foi por esses mares fóra a demandar as terras onde sómente as nossas maguas e desventuras podiam ser sinceramente sentidas e compartilhadas.

E em todas ellas receberam as mais expressivas provas de affecto, o mais nobres e levantados testemunhos de estima.

E' que o Brasil hade ser sempre o paiz nosso fiel irmão e nosso amigo dedicado, e aquelle que como nós fala e escreve a mesma lingua e tem identicos costumes. E' grande a distancia geographica que separa as duas nações, mas espiritualmente encontram-se sempre, de maneira a poderem estreitar as mãos nos momentos da alegria ou da desgraça.

E, de regresso ás aguas portuguezas, os marinheiros e officiaes do *Adamastor* hão-de contar ás suas familias, aos seus amigos, a recepção brilhante que lhes fez o Brasil, que lhes fizeram no Brasil os filhos de Portugal.

Preparam-se festas para receber a tripulação do symbolico navio, e essas festas hão-de sem duvida vibrar com intensidade na alma de todos aquelles que lá aguardam com ansiedade a noticia de um acolhimento triumphal.

Nenhum d'entre nós deixará de sentir-se ufano e orgulhoso á vista do barco que, aclamado e festivo, passeiou em gloriosa carreira pelo oceano, a bandeira honrada da patria.

Bemvidos sejam pois os que tão longe foram receber para ella provas de carinho e sentimentos de amor.

Bemvidos os que no cumprimento dos seus deveres puderam provar ao mundo que ainda temos quem nos queira bem, que ainda existe quem nos receba em gala.

Bemvidos os que foram mostrar aos nossos irmãos d'alem-mar o producto de todas essas moedas que o amor pela mãe commun foi durante mezes lançar no regaço da Grande Subscrição Nacional.

E, ao terminar esta chronica, o *Brasil-Portugal* saída com enthusiasmo o regresso do *Adamastor* que, enquanto d'elle existir um fragmento, hade sempre recordar a grande vibração da alma portugueza na derradeira agonia do seculo XIX.

É curioso o contraste das duas significações que podeter aquelle titulo. Na sua acção commum um chapeu de sol não passa de um utensilio prosaico e domestico, destinado a preservar-nos da acção directa dos raios solares. Na acção que tem no presente artigo, é o titulo do ponto mais culminante do *Corcovado* do Rio de Janeiro, d'esse belvedere em forma de umbella, donde se descriptiva o panorama positivamente mais empolgante e arrebatador que ainda tenho gozado na minha vida, já errática de numerosos janeiros. Subi ao alto do Simplon, da torre do telegrapho semaphorico de Cadix, da famosa Superga de Turim, da Giraldade de Sevilha, do camparino de Santo Ambrosio de Milão, que o architecto quiz elevar a uma altura babelica; subi ao pittorresco Bom-Jesus de Braga e á Cruz-Alta do Bussaco, de um horizonte soberbo. Nenhum d'esses panoramas me surpreendeu e transportou como o «Chapeu de Sol», na serra do Corcovado do Rio de Janeiro. Do Simplon domina-se o vagalhão imponentissimo dos cabeços dos Alpes; da torre de Cadix dissecta-se o aspecto hilarante, oriental, dos innumeros balcoes que adroberam as casas, alvos como uma immensa tribu de gavotas acclimadas; na Superga turinense admira-se a desbalizada campina piemontezca, desdobrando-se a perder de vista n'um bocejo de luz temperada, e de vendar; do corucheu central de Santo Ambrosio de Milão contempla-se a enorme varzeo ondulada que vai morrer nos grandes lagos da Lombardia e a que serve de panno de fundo a aresta magestosa da cordilheira alpina. O Bom-Jesus é um trecho delicioso da pittoresca natureza minhota que tão conhecida nos é, mas a que todavia falta alli o serpear de um ribeiro, ou o espelho liquido de um lago; a Cruz-Alta offerece um horizonte quasi tão vasto como um oceano, mas quasi tão monotono como elle. Ora, o panorama do Corcovado encerra alguma coisa de todos aquelles aspectos, desbancando-os e vencendo-os pela morphologia da paisagem, pelo polichromio do colorido. É a cidade-fluminense com a sua rês babilonica de casas, de palacetes, de *chateaux* de phantasia, de *cotages*; são os picos agudos da serra que se apuram á direita do espectador e na sua proximidade parecem desabar sobre elle; é o vastissimo esteiro do mar prolongando-se á esquerda, e pontuando-o de cem ilhas e ilhotas, algumas d'ellas encantadoras como Paqueta, empenachadas de esveltos cocares de palmeiras, colleando n'uma sinusoidal paciente que se espuma e perde no horizonte longinquo; é, a nossos pés, o esplendido Jardim Botânico com a sua immensa rua central de palmeiras impericas, unica no mundo, e lá mais distante, a bahia magestosa e cyclopica, cujo ambito poderia abranger facilmente todas os esquadras do globo, a bahia descommunal donde emergem monolithos formidaveis que para alli tivessem atirado Titans prehistoricos, a bahia fluminense que semelha um oceano representado, onde o sol dos tropicos funde a espada dos seus raios n'uma pulverisacão ardente, vacillante, estonteadora, e tudo isto sobreshado por uma vegetação verde-escura, orgiaca de riqueza, de força, que está a pulular do fundo d'aquella gleba privilegiada como o risbo e digno escrinio sobre o qual brilha o eterno diamante, o astro da America do Sul.

Por aqui deve estar naturalmente a inferir o meu caro e saudoso Coelho Netto que eu entro agora a valer na descripção detida e pormenorizada do famoso panorama que se desfructa do alto do «Chapeu de Sol». Engana-se. Eu lhe conto. Esta descripção tem uma pequena historia.

Estava eu, ha 6 annos, redigindo algumas paginas para um livro de viagens *Entre mares e lares*—que effectivamente publiquei no Rio de Janeiro, e era tenção minha mais do que isso, proposito tenaz, consagrar um dos seus capitulos ao assumpto vertente. Dirigi-me ao Corcovado por uma formosa manhã, d'essas a que os ingleses chamam a *glorious morning*, com a carteira e o lapis na algibeira para apanhar alli a natureza em flagrante no seu incomparavel aspecto diordemico, tomando as notas impressivas que me servissem de esqueleto para o capitulo projectado. Grimpéi até ao «Chapeu de Sol». Lá me demorei 2 horas. Ao cabo d'ellas rasguei todas as notas tomadas na carteira. Desistí do proposito. O meu debil poder de expressiva litteraria só tinha um balbuciantissimo infantil para traduzir a suggestão exterior. Aquelle panorama deslumbrante contempla-se uma e dez vezes, admira-se... mas não se descreve.

Lisboa, de 1899.

CONEGO SENNA FREITAS.



Senna Freitas

PEDRO ALVARES CABRAL

Como se chamava o descobridor do Brasil?



Sousa Viterbo

Como se chamava o descobridor do Brasil? murmurará no seu íntimo o leitor, seriamente intrigado com esta pergunta enigmática, que, mais que um problema historico, lhe parecerá um d'aquelles temas caprichosos, que fazem as delicias da *Academia dos Sengulares* e de outras corporações semelhantes, que tanto floresceram, para entretenimento intellectual de nossos avós, no seculo XVII.

Sobre quem fosse o descobridor do Brasil, sobre a prioridade de semelhante achado, debata entre portugueses e hespanhoes, tem-se escripto muito, mas sobre a identidade ou authenticidade do nome de Cabral nunca até agora se tinha suscitado a menor duvida.

Tem sido tambem ponto de divergencia acalorada a casualidade ou promptido da viagem de Cabral ás praias de Santa Cruz, mas nunca ninguém se lembrara de dizer que o illustre navegador portuguez usava de outro nome no momento da sua partida, a 9 de março de 1500, commandando a segunda expedição que D. Manuel enviara com destino á India.

Para não abusar por mais tempo da paciência dos nossos leitores, entremos desde já na materia e exponhamos com toda a franqueza a questão.

Percorrendo a chancellaria de D. Manuel, encontramos a fls. 10 do livro 13 uma carta assignada em Lisboa a 15 de fevereiro de 1500, em que se concedia todo o poder e auctoridade de capitão da armada da India a Pedro Alvares de Gouveia, fidalgo da casa real. Confessamos que sentimos certa surpresa ao ler esta carta e o nome da pessoa, que era investida de tão solemnes poderes. Pedro Alvares de Gouveia era, para assim dizer, uma individualidade *inútil*, desconhecida em absoluto nos fastos da India. A armada que n'aquelle anno partira para o Oriente era do commando de Pedro Alvares Cabral. A principio suppozemos que teria havido engano no escripto que passou a carta ou no officio que a registou, mas a hypothese dissipou-se em face d'outro documento, passado em Évora a 12 de abril de 1497, com que D. Manuel confirmava a tença de vinte e seis mil réis que D. João 2.º cedera a Pedro Alvares de Gouveia e a seus irmãos João Fernandes Cabral, sendo metade para cada um.

Este documento e a circumstancia de João Fernandes Cabral ser o primogenito de Pedro Alvares Cabral nos levam a crer, hypothese que nos parece bem fundamentada, que Pedro Alvares Cabral se denominara primitivamente de Gouveia, tomando o appellido de sua mãe D. Isabel de Gouveia. Porque motivo o abandonou depois não o podemos ainda descobrir; o que sabemos apenas é que elle, em documentos officiaes de 1502, já era tractado por Pedro Alvares Cabral.

Seria para causar estranheza que nenhum dos historiadores que se referiram ao descobrimento do Brasil tractasse d'esta particularidade, se elles em geral não fossem tão omissos em tudo o que se refere ao illustre capitão, cujo feito singular, ou premeditado ou adventicio, bastou a immortalisal-o. O nome de Cabral é indissolúvel do nome do Brasil.

Este phenomeno, porém, não se dá unicamente com Cabral; succede com Vasco da Gama e com outros personagens de não menos valia. Não pode ser maior a descuriosidade dos historiadores em por menorisar os antecedentes biographicos de quem tanto havia de perdurar na memoria e na consagração dos vindouros. Parece que os homens só eram dignos da grandesa historica desde que os seus proprios feitos os principiavam a avultar. Eram filhos das suas proprias obras e se elles se esqueciam de atear o fogo sagrado da propria fama, remunerando generosamente a lisonja, dos seus Plutarchos, ou edificando qualquer monumento que mais ou menos os sternisasse, era contar com o quasi absoluto esquecimento. O espirito de investigação e de publicidade estava então bem longe de attingar a vertigem dos nossos dias, em que não ha ninguém que não tenha a sua estatuá, ou de bronze ou de marmore, no pantheon da imprensa noticiosa e chocalheira.

Sem ser de modo nenhum nosso intento escrever a biographia de Pedro Alvares ou retracçar-lhe o perfil, seja-nos permitido accrescentar mais uma informação importante e curiosa.

A lapide sepulchral, que reveste na igreja da Graça em Santarem a ossada de Pedro Alvares, é d'uma singeleza tão commovente, que trahiria a sua grande modestia se fosse elle que a recommendara em testamento, se não testemunhara o descuido, a humidade christá, ou a pouca devoção dos seus descendentes para com a sua memoria. Nem sequer nos indica a data do seu fallecimento, que até hoje, que nos consta, não tem sido precisada com exactidão. F. A. de Varnhagen, (visconde de Porto Seguro) na sua *Historia do Brasil*, livro em cujas paginas era bem cabido o retrato á penna de Cabral, tracta de

leve o que devera ser uso dos principaes protagonistas do seu trabalho, e indica-nos que elle ainda vivia em 1518, por isso que no livro das moradias andava inscripta em seu nome a verba de 2437 reaes por mez.

O sr. visconde de Sanches de Baena, na sua Memoria academica intitulada *O descobridor do Brasil Pedro Alvares Cabral*, escreve a pag. 58.

«Pedro Alvares Cabral, depois dos acontecimentos que ficam levemente esboçados, passou a viver na Villa de Santarem, afastado da corte desde 1502, curando apenas da administração da sua casa, até á sua morte em 1528. Esta preciosa data, até hoje ignorada, foi mais uma revelação do padre Rousado, confirmada pela escriptura de 9 de agosto de 1529, que adiante mencionaremos.»

Esta data, com effeito, seria *preciosa*, senão fosse, ao que nos parece, absolutamente inexacta.

A escriptura de 9 de agosto de 1529 é um contracto realiado entre a viuva de Pedro Alvares Cabral, D. Isabel de Castro, e os frades eremitas do convento de Santo Agostinho para ter jaizgo perpetuo na capella de S. João Evangelista na igreja do mesmo convento. Inserindo o sr. Sanches de Baena bastantes documentos na sua Memoria, alguns dos quaes aliás interessantissimos, mas que não tem relação immediata com o assumpto principal, não se lembrou de produzir este, que tão directamente lhe dizia respeito e que tanta importancia tinha. Na ausencia de semelhante testemunho, somos levados a crer que elle não teria sido rigorosamente interpretado e que o sr. visconde não veria o proprio original, tendo conhecimento d'elle por alguma referencia ou citação; d'outro modo teria indicado o paradoro do livro onde a escriptura se acha registada.

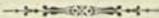
Exponhamos agora os fundamentos da nossa contradicção. Na chancellaria de D. Manuel, a fls. 60 do livro 39, acham-se registadas tres cartas, de quasi equal teor, a primeira das quaes, de 5 d'outubro de 1520, concede a tença annual, de 30 mil reaes, a partir do primeiro de janeiro de 1521 em diante, a Fernão d'Alvares Cabral, *neto mouro fidalgo, filho de Pedro Alvares Cabral, que Deus perdoe*. A segunda, d'igual quantia, a Antonio Cabral, irmão do anterior, e a terceira, de trinta mil réis a D. Isabel de Castro, viuva de Pedro Alvares Cabral.

Em presença de testemunhos tão authenticos e tão incontestaveis, quer-nos parecer que fica provado á evidencia que o fallecimento de Pedro Alvares Cabral se deve collocar anteriormente aos primeiros dias do mez de novembro de 1519.

No entanto, se apparecerem novos factos ou elementos que desautorem esta affirmacão, seremos o primeiro a curvar a cabeça perante a evidencia da verdade. Em investigações d'esta natureza nunca nos devemos surpreender com o inesperado.

Na vespera da celebração do quarto centenario do descobrimento do Brasil nunca serão superfluos os materiaes que se ajuntem para o monumento commemorativo do grandioso feito.

SOUSA VITERBO.



Um homem de genio, mas sem espirito, é a alegria d'aquelles que tem espirito mas não tem genio.

A imbecillidade apparente é arma engenhosissima para occultar um grande designio. O supposto idiota pode observar com inteira liberdade.

Deus creou pela intuição, e o homem cria pela inspiração mesclada com a observação; esta segunda creação, que não é mais que a acção divina realisaada pelo homem, constitue o genio.

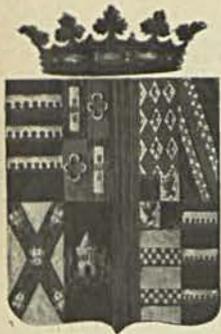
Não ha calabojos comparado com o que encerra a consciencia.

O genio é um promontorio no infinito.

A hypocrisia do respeito é um dos ingredientes da sociedade moderna.



Desenho de Roque Gameiro



Salões, Ateliers, Interiores

O PALACIO DA ROSA—CASA CASTELLO-MELHOR



Marquessa de Castello Melhor

De todas as casas da velha nobreza de Portugal a de Castello Melhor é sem duvida uma das que mais se impõe á consideração da nossa sociedade pelos seus titulos e pergaminhos, d'uma antiguidade verdadeiramente digna do mais respeitoso acatamento.

Esta casa existe hoje representada na pessoa da Sr.^a marquessa de Castello Melhor, Dona Helena Maria do Santissimo Sacramento, Josepha Francisca d'Assis, Anna de Vasconcellos e Sousa, Caminha Camara Faro e Veiga de Lima Brito e Nogueira, sexta marquessa de Castello Melhor, Senhora e Donataria da Capitania do Funchal na Ilha da Madeira e da de Santa Maria, Senhora das Villas da Ponta do Sol, Camara de Lobos e Calheta, da qual é decima terceira condessa das Ilhas Desertas e Porto Santo, das Villas de Almendra, Castello Melhor, Valtelhas, Gonçalo e Famalicao, Senhora dos Morgados da Moura Santa, Tajuies e Ronafe, Donataria das saboarias de Coimbra, Thomar, Esgueira, e das comarcas de Lamego, Viseu e Guarda, Pinhel e das conquistas do Ultramar, Senhora das alcaidarias-móres das Villas de Pombal e Penamacor e Salvaterra do Extremo, e das Comendas de Pombal, de Redinha, Fachal e Salvaterra do Extremo, todas na Ordem de Christo, vigesima viscondessa de Villa Nova da Cerveira, e sexta marquessa de Ponte de Lima.

Está na casa d'esta illustre dama a dignidade de reposteiros móres de Portugal.

A sr.^a marquessa reside no historico e celebrado palacio da Rosa, a S. Christovão, fundado em 1296 por Pedro Nogueira, que foi do concelho de El-Rey D. Alfonso III.

Foi este mesmo Pedro Nogueira quem fundou a freguezia de S. Lourenço e mandou edificar junto ao palacio, a capella onde jaz sepultado, como se pôde ver da lapide que damos na gravura

respectiva. Em Lisboa e dentro em Portugal ninguem possui na sua propria residencia uma capella onde existam as sepulturas de antepassados tão remotos.

O nome do palacio da Rosa deriva do mesmo titulo que lhe ficava proximo e foi fundado pelos Viscondes de Villa Nova da Cerveira que n'elle tinham a sua sepultura, ou enterro, como d'antes se dizia.

O palacio da Rosa passou ás mãos da sua actual proprietaria por herança materna, visto os marquezes de Ponte de Lima terem fallecido sem filhos. Este palacio é um dos melhores do paiz e dos poucos que conserva o tom magestoso da sua vesturez.

A sala de jantar, que a nossa gravura reproduz, é a mais vasta que existe em uma casa senhoril.

Conserva o mesmo aspecto que lhe foi dado depois da reedificação do palacio mandada fazer pelo marquez de Ponte de Lima após o terramoto de 1755, que quasi derruiu todo o edificio.

A mobilia é em carvalho entalhado, vendo-se entre ella alguns moveis antigos de subido valor artistico. São preciosas as pratas e as louças do Japão, Saxe, Sévres, e Vienna, algumas bronzadas, que adornam os vastos aparadores. A colleção de faianças inglezas é tambem notavel, destacando-se varias de Wedgood hoje muito raras e apreciadas pelos entendedores.

E' digna de especial menção a sala do docel, que poucas casas nobres conservam.

Em tempos bastantes afastados as pessoas reaes visitavam ameadadas vezes os nobres de mais pura estirpe e distincta linhagem, assistindo uma ou outra noite aos seus serões.

Nos palacios d'esses fidalgos *vieille roche* havia, em todos, a sala do docel na qual eram recebidos as regias personagens que tomavam assento em cadeiras ou grandes almofadões de brocado collocados sob o docel.

Com o decorrer dos tempos modificaram-se os usos e os costumes, e essas salas de honra foram deixando lentamente de existirem.

Conserva-a a casa Castello Melhor como uma nobre tradição de outras épocas.

As paredes e o tecto d'esta sala são pintados a fresco, estylo do seculo xviii, e os reposteiros e estofoz todos em damasco antigo de seda amarella.

Os candelabros e serpentinhas que a ornamentam, possuem um alto valor artistico por serem de legitimo bronze cinzelado, de grandes dimensões e primoroso trabalho.

O escudo que tambem reproduzimos representa o brazão d'armas das casas reunidas de Castello-Melhor, Calheta, Villa Nova da Cerveira e Ponte de Lima.

Não é nosso intuito fazer aqui a genealogia dos Castello-Melhor que contam na sua arvore homens illustres, o mais celebrado dos quaes foi o marquez do mesmo titulo, ministro do desventurado rei Afonso VI e um dos diplomatas de mais talento e energia que tem tido Portugal.

O ultimo marquez que a morte ceifou, não ha muitos annos, no vigor da vida era muito conhecido e esti-

mado em Lisboa e d'elle ainda muitos se lembram hoje com saudade. Fidalgo e cavalheiro em todos os seus actos, era um democrata querido por todas as classes, e possuia uma alma e um coração sempre francos e abertos á pratica do bem, onde quer que fosse necessario que se sentissem os seus influxos.

Valente e destemido, arrojado e philantropico, foi por excellencia o prototypo da antiga fidalguia portugueza. A sua morte causou na capital um verdadeiro sentimento de dôr e de saudade, e só depois d'ella se poudo bem apreciar quanto o nobre marquez era estimado.

Depois da sr.^a marquessa a representante da casa é a sr.^a viscondessa de Varzea sua filha, casada com o visconde d'este titulo, um dos *sportmen* mais distinctos da nossa sociedade, eximio cavalleiro tauromachico e proficiente creador de gado bravo e um dos nossos *ganaderos* que mais têm concorrido com os seus cuidados para a selecção e aperfeiçoamento das raças taurinas em Portugal.

A titulo de curiosidade, damos a gravura da lapide do tumulo de Pedro Nogueira um dos fundadores da casa, e que foi dos raros que atravez seis seculos conserva os seus ossos no mesmo local que escolheu para sua sepultura junto ao palacio onde vivem ao cabo de tão longo espaço de tempo os seus illustres descendentes. Em toda a Europa certamente que não se encontrarão muitas familias nobres que reúnem em sua casa reliquias de tão alto valor.

E n'esta epoca tão profundamente esquecida das velharias gloriosas do nosso passado historico, faz-nos bem ao espirito, a lembrança de que ainda existem alguns, embora raros, que sabem conservar com religioso acatamento as nobres e gloriosas tradições d'esse passado.

Tivemos uma fidalguia illustre como poucas nações se podem orgulhar de possuir. Verdadeira fidalguia de sangue que parece ter vindo ao mundo como premio ganho pelo sangue derramado em defeza e ennobrecimento da patria.

Quasi toda conquistou o seu brazão d'armas, nos plainos ardentes das conquistas africanas, nas batalhas com os nossos inimigos de ao pé de casa, ou na brilhante epopeia da India.

Uns esqueceram essas origens nobilissimas, outros como os Castello-Melhor sempre d'ellas se orgulharam conservando-as na nobre tradição de familia.

O *Brasil-Portugal*, publicando no presente numero estes retratos, indicações e gravuras, entre as quaes não esqueceu a do artistico portão do velho solar, não faz mais do que prestar homenagem merecida a uma das casas mais antigas e nobres do paiz, representanda d'essa velha aristocracia portugueza, sempre brilhante e gloriosa em titulos e feitos, e que teve o seu berço nas primeiras alvoradas da fundação da monarchia e do reino de Portugal ajudando-a a conquistar e a firmar com o gume da sua espada, com o peso do seu montante, com o esforço do seu animo, e com a lealdade do seu conselho.

E por entre os periodos d'este artigo quantas vibrações do nosso espirito se não deram ao pensarmos o que seriamos hoje se toda a antiga fidalguia portugueza acompanhando ao par a evolução dos seculos, houvesse conservado a altiva e nobilissima valdade das suas tradições.

Em menos de oitenta annos quantos casas se deruam, quantos nomes illustres se deixaram cahir no olvido social, quantos brazões magnificentes deixaram apagar as suas divisas e legendas, cedendo mida a disputar aos outros as grandes proeminencias sociaes? O sol da velha nobreza de Portugal apagou-se no isolamento dos seus representantes, como o sol de Aljubarrota se apagou na planicie de Alcaccer Kibir. E por isso, na epoca actual, quando um caso inesperado traz á scena da publicidade, recordações que, como estas, andam ligadas a antigas familias de nobreza genuina *sans peur e sans reproche* como a da casa Castello-Melhor, a gente sente um certo orgulho em as descrever, e possui-se do quadro que por suggestão nos recorda os tempos aureos da velha magestade nacional.

O *Brasil-Portugal* devotado respeitador das brilhantes tradições da nação portugueza, ufana-se, sempre que por qualquer modo e dentro da sua linha de conducta e do seu programma, pôde prestar a essas tradições o respeito que ellas merecem, avivando-as no espirito d'aquelles que o leem. E' decerto uma das fórmias mais bellas e agradaveis de avivar de novo as cores dos prestigiosos brazões da nobreza de Portugal, brazões que nos recordam tantos feitos celebrados pela historia, e praticados por aquelles que os mereceram.



Sala de jantar



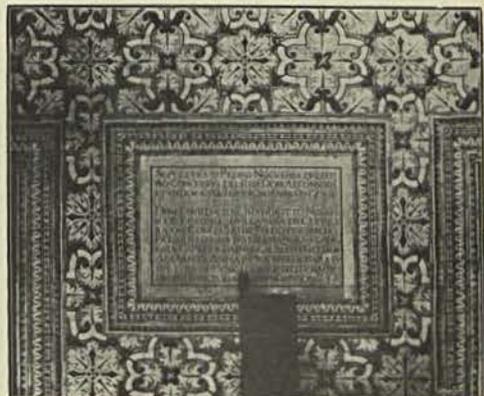
Sala do docel



Entrada do palacio



Viscondessa de Varzea



Lapide do tumulo do fundador da capella

GALERIA DA IMPRENSA



Alfredo da Cunha

desviaram um ápice do caminho traçado, e teem-se firmado sempre na compreensão dos deveres que impendem sobre uma publicação jornalística que goza de créditos geraes, e de vasta popularidade.

As modificações que teem advindo ás variadas secções que constituem o jornal são apenas aquellas que o progresso exige e as condições da vida actual aconselham. E' certo que a reportagem moderna tem maior amplitude, mais vastas ramificações que a do tempo em que, por assim dizer, a lançou em Lisboa o pulso habil e firme de Eduardo Coelho. E o *Diário de Notícias* faltaria á sua missão, se não fosse como todos os outros órgãos de publicidade, correspondendo á expectativa do publico e á educação social do povo de Lisboa, que em parte fóra por elle preparada. Por isso elle é um repositório seguro e amplo de informações, e tambem por essa razão, e sobretudo pelos immensos creditos de que dispõe em todas as classes, é o jornal por excellencia do *annúncio*, que constitue a fonte principal dos seus avultados rendimentos.

Por varias formas tem o *Diário de Notícias* sabido corresponder ao favor publico, avultando entre ellas á da publicação de *Branças e Números de Luxo* illustrados pelos primeiros artistas, e collaborados pelos primeiros escriptores. A' frente da sua redacção figura um nome consagrado: o do decano dos jornalistas portuguezes, o sr. Brito Aranha, presidente da Associação dos Jornalistas de Lisboa, e como secretario da empresa, de que é um dos maiores proprietários, o do dr. Alfredo da Cunha, poeta e prosador, a força e a alma do jornal, a que dedica todo o seu talento e toda a sua actividade, para que o *Diário de Notícias* seja ao mesmo tempo órgão moderno da opinião publica e digno continuador de tradições honradas.

Diário de Noticias

PRIMEIRO CENTENARIO DO NASCIMENTO DE GARRETT



Silva Graça

essas numerosas columnas que parecem elasticas, factos, impressões, narrativas, tudo o que forma a vida portugueza, tudo o que interessa á opinião, desde o que se passa na morada dos reis, até ao que se discute e resolve no mais modesto club socialista.

D'esta forma *O Seculo* tornou-se uma necessidade e uma força. Fez da reportagem a sua arma de concorrencia e de luta, e soube com tão apurado tacto manejar-a ou esgrimil-a, que triumphou.

Alcançada a primeira victoria, facil se tornou a segunda, facilmas quantas se lhe tem seguido. *O Seculo* é avidamente procurado e lido em todas as terras do paiz e nas colonias portuguezas. Nem se comprehendia uma tiragem de tantas dezenas de milhares de exemplares sem estas ramificações multiplas, sem esta circulação larguissima que leva a cada habitação um numero d'este jornal.

Variadas e já numerosas publicações tem sahido da empresa mater, fundada por Magalhães Lima ha 19 annos, salientando-se entre ellas o *Supplemento do Seculo* que todas as semanas se apressa pelas ruas de Lisboa, e a mais recente de todas, *O Seculo no Brasil e Colonias*, publicação semanal destinada quasi exclusivamente, como o seu titulo indica, ao Brasil e ao ultramar portuguez.

Para a enorme tiragem do *Seculo* tem contribuido em grande escala as *illustrações* que quasi todos os dias se espalham pelas paginas do jornal, e para as quaes a empresa installou no seu edificio uma officina de zincographia.

Tudo este desenvolvimento, excepcional n'um paiz de recursos limitados, deve-se, justo é dizel-o á intelligencia, á perseverança, á força de vontade, d'aquelle que tem hoje a propriedade e direcção do *Seculo*, e cujo retrato damos: Silva Graça.

SECULO ANNO N. 9100 **Numero avulso, 40 reis** **Officina, 11 de Setembro de 1897**

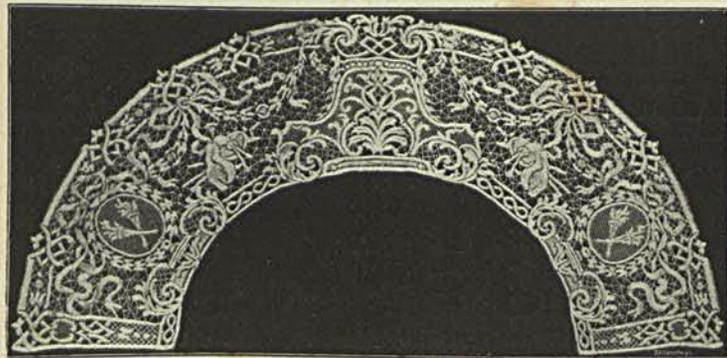
O SECULO

O EGYPITO

Rendas Portuguezas

A INDUSTRIA das rendas é muito antiga em Portugal, e foi nos conventos que ella obteve os seus mais primorosos e difficeis modelos. No *Museu d'Arte Ornamental* de Lisboa existem fragmentos de rendas nacionaes que são verdadeiras maravilhas.

Em regra, todas essas rendas eram destinadas a paramentos do culto religioso, especialmente a toalhas dos altares. Fóra dos trabalhos conventuaes que se destinavam aos templos, aos paços regios, e ás casas da mais alta nobreza que n'esses conventos sempre possium uma freira sua parente, existia tambem o fabrico de rendas para a venda commercial.



Renda de leque — Maria Augusta Bordallo Pinheiro

Em todo o norte do paiz sempre houve rendeiras, mas foi Peniche a terra que adquiriu maior e mais celebrada fama na factura d'este artigo. As rendas de Peniche foram sempre muito apreciadas aqui e até no estrangeiro, existindo algumas que constituem verdadeiros primores no genero.

Durante muitos annos as rendas de Peniche conservaram o typo vulgar dos modelos primitivos não indo além das applicações mais triviaes. Eram feitas ao acaso, por tradição, pôde assim dizer-se, entre as mulheres da terra, sem desenhno, sem intuitos de aperfeiçoamento.

Foi ha poucos annos que se organisou a escola, confiada superiormente á direcção technica de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, irmã do celebre ca-

ricaturista Raphael Bordallo Pinheiro, e que possui aptidões artisticas do mais fino gosto, continuando assim a tradição conhecida d'aquella familia.

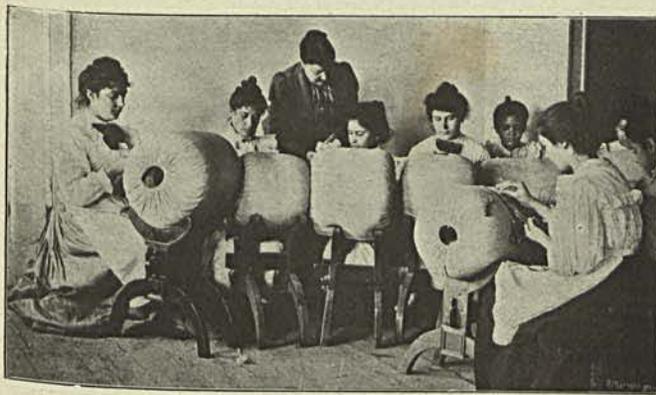
Esta senhora deu á industria rendeira uma orientação methodica e illustrada, procurando os melhores modelos e specimens conhecidos para serem imitados, e creando outros da mais apurada e delicada expressão, dos quaes pôde servir de exemplo a copia de renda de leque cuja gravura publicamos.

Por varias vezes se tem alvitrado a idéa de estabelecer essa industria n'um grande recolhimento para raparigas abandonadas, á imitação do que existe em Bruxellas, mas até hoje nem particular nem officalmente se tem resolvido qualquer cousa a este respeito.

E bom seria que se resolvesse, aproveitando-se a corrente de benemeritas e philanthropicas instituições que nos ultimos tempos se teem desenvolvido no paiz, especialmente em Lisboa. Assim como o asylo de Santo Antonio tem dado os mais bellos e animadores resultados, de esperar seria que uma officina de rendeiras em larga escala desse brilhante compensação a todos os sacrificios que se fizessem para o instituir.

As rendas feitas na escola de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro são muito procuradas e ainda ha pouco tempo estiveram expostos n'um estabelecimento do Chiado alguns modelos encantadores, d'uma perfeição, delicadeza, e acabamento inexcitáveis.

Desenvolver esta primorosa industria, tão apreciada e cuidada na Belgica e na França, onde as Valenciennes e Malines gozam de fama universal, seria um bom elemento de credito e expansão da industria nacional, tanto mais que, em varias localidades do paiz as mulheres do povo demonstram uma natural tendencia para a factura d'este artigo.



Rendeiras

Davos-Platz

(Do livro em preparação "Viagens.")



Antero de Figueiredo

DESCENDO o valle, na despedida, estou dizendo adeus ao sol d'estas montanhas que me deu o riso, de saude que para a minha terra leveo no olhar. Vão ficando para traz florestas de pinheiros, onde me perdi, sentindo o neve que pisei e as persianas verdes dos pobres *chalets* d'esta boa gente rude e honesta que vive do pouco que seus rebanhos dá. O combolo, que vem descendo a curvas que contornam a montanha azul de Klostersche-Stütz, passou Wolfgang, a aldeia branca de Laret, e está a pa-

rar em Klosters cujo campanário esguio reconheço e tambem, do lado de lá do rio, a fachada do hotel *Silvretta* onde, ha seis mezes — findava o outono — me demorei uns dias, para não subir do repente á altitude de Davos-Platz. Não havia então a neve que este sol de Abril começa a derreter: a colina era verde e fresca como a relva d'um jardim acabado de regar. Sob a luz do outono era macio o pelo dos pinheiros alpestres, e a hora do poente a neve eterna das geleiras do Silvretthorn brilhava como se fosse ouro!

Agora até Landquart desce-se sempre. Já fica bem longe Davos — o valle de neve d'onde trazem uns lindas cousas para contar, outras recordações noventistas...

Meu *tobogganing*, quem te alegrará amanhã? Meu *alpenstock*, quem se armará a ti? E aquella cadeira da sala azul, commoda e amigã, onde eu á tarde fumava, quem n'ella se virá assentar?

Todos os annos sobem áquella montanha centenas de pessoas que vão umas aproveitar o clima como estação de inverno, outras como estação de cura, e diversas para acompanhar seus doentes. As primeiras são as que mais se divertem: são os aradores photographicos, os parceiros do *lacs-tennis*, do *croquet*, do *Frauenkirchli*, á garganta de Fúela, ao planalto de Clavadel, a Klostersche-Stütz, ascensões que se repetem depois da queda das Neves, aproveitando o declive para o escorregamento vertiginoso do *tobogganing* o que, com a patinação no lago gelado de Davos-Doerfli e no Curverien, constituem o *sport* predilecto dos estrangeiros.

Logo que chegam, na maior parte inglezes, procuram as suas refeições feitas no anno anterior para repetir, ao ar livre, esse programma de divertimentos, que um ou outro amoroso altera, preferindo, a essas correrias, enlanguescer, n'um *flirt*, entre uma chivena de chá preto e uma phrase de musica classica, á tarde, nas molles *casseuses* dos jardins de inverno nos grandes hotéis *Kurhaus* e *Belvedere*. Tambem os doentes, ao chegar, perguntam pelas pessoas amigas com quemahi no ultimo inverno travaram relações, confidenciaram tristezas e se photographaram em grupo.

Alguem então informa: Miss... fallecera, um me depois de haver deixado Davos, n'uma brumosa aldeia perto de Bristol; aquelle francez que usava um grande casaco de pelles, e se sentava á cabeceira da mesa do meio, memora d'uma profunda hemiplegia, em seguida a uma ascensão nas montanhas de Meran; Mr... um engenheiro belga, morto; tambem havia fallecido aquella senhora polaca que patinava lindamente bem, sempre enlacada n'um rapazola ruivo, seu patricio e talvez seu noivo. O hollandex, d'olhos verdes, muito suffocado pela tosse e que á noite era parceiro infalivel ao *rums*, morrera, em abril, em viagem para o seu paiz; Madame... cabellos brancos, cujo lino sorriso prendia, e fóra no inverno passado a organisadora do *comité* em beneficio da igreja catholica de Davos, viu morrer sua filha n'a quem tamente acompanhava, e fallecera tambem, havia pouco, em Paris; d'outros sabe-se, vagamente, que foram morrer para as suas terras... E n'esses grupos photographicos, tirados em passeios, no alto das montanhas, vão rareando os vivos!

No entanto, quem ás seis horas da tarde entrar nas salas de jantar d'esses grandes hotéis, onde se assentam tresentos hospedes, representantes de quasi todas as nações do mundo, não se póe a considerar que grande numero d'elles estão occupando lugares que nos ultimos tres annos foram occupados por pessoas das quaes metade já não vivem, porque o borborinho de risadas e conversas alegres afasta de taes considerações e desvanicia tristezas.

Mas como esta alegria deve magoar esses pobres doentes, nostalgicos da patria, nostalgicos de sua propria saude! E aquella musica que toca todos os dias á porta do *Kurhaus*, assim, a rir, entre dôres — como uma charanga que tocasse n'uma enfermaria!

Risadas frias que se estendem pelo valle e que a viração transforma em soluços magoados...

Por isso bem fazem os doentes em fugir para o terraço — larga sala aberta ao ar livre, que todos os hotéis teem e para onde elles vão apañar sol e respirar, durante horas, o ar puro da montanha. O terraço! Quantas vezes o comparei ás ciras da minha terra, onde, pelo tempo das malhadas, se secam, entre bôas, volentosas espigas que não chegam a entrar no espigueiro soalhos!

Desde que o sol desce ao valle, ahí pelas dez horas no mez de Fevereiro, até que se esconde por detraz da montanha Schatzalp, o terraço está sempre cheio de doentes, deitados em cadeiras de vime branco, de feitiço e preços diversos, verdadeiras camas algumas, com toldo listrado de vermelho, a taboinha articulada servindo de mesa para *lunch*, a estante para os livros e um mechamismo inteiro que a estende, a vira, a dirige. Em volta do doente, a resguardar do frio, a aconhegar o mollemente, mantas, esquentadeiras, frouxeas e almofadas diversas. Uma leem, alguns conversam, outros dormitam. O terraço parece então a coberta d'um navio: lembra uma galera que se perdesse no alto mar gelado, tripulada por gente em cujos olhos não se apagou a esperança de aportar á terra promettida, que demandam em grande anseio.

Todos veem beber o sol: «é a nossa saude» — dizem. Os mais doentinhos passeiam em pequenos carros conduzidos docemente, por sobre o asphalto, pela mão carinhosa d'uma pessoa de familia. Os noivos passeiam nas noivas, os velhos passeiam os filhos... Alguns, morridos já pela morte, e tão lividos que parecem desfalecidos, trazem rãs frescas na lapella do casaco, como que para tornar mais flagrante a sua propria murchidão; e o sol, sempre amigo, doira-lhes, n'um ultimo beijo, a carne prestes a apodrecer e enche-lhes de esperança o olhar magoadol!

Muitos ha que estão sós. Ai de quem está só! Que de sonhos eu vejo no ar! Emudecidos (para que confidencias a outros que não teem a alma virada para magas estrellas?) seus olhares atravessam o ar, rasgam o oce e ahí rogam pela saude que os revigore, porque lá na sua terra uma noiva espera.

Mundanas, vindas da folia que lhes laivou de morte a face linda, berram com afincio pela saude, porque Paris ruidosamente as chama.

Rapazes, que começam agora a viver, e quasi não acreditam que a vida lhes falte, instinctivamente elevam os braços á saude.

Velhos, contando os annos pelos dedos, só pedem os precisos para darem tempo a arranjarr sua vida e dispôr o que lhes falta.

Príncipes, herdeiros d'um throno, desceram da Alemanha e da Russia distante e aqui pousaram tambem a sua tenda.

E aquella debotada princeza que desde menina ouviu que um dia seria rainha! Oh, se a saude se comprasse a peso d'ouro, ou a troco de vossas joias, fina princeza a quem o sol d'estas montanhas não que colorir a face que deserto não será um dia beijada pela boca de nenhum rei, porque dizem ser de mau agouro vir a neve desfazer-se nos cabelos quentes d'alguem que dorme, e eu vi ha pouco que os ventos das bandas do Tyrol traziam pelo ar, até vós, farrapos de neve, esquecida nos braços n'as das arvores d'este valle.

Agoiro!

E a hora dos presagios que impolgam as almas despercebidas na bibeza das irresoluções. Não ha atheos no terraço; os que o foram sentem agora acordar no cerebro a imagem d'um Deus que em cada alma habita.

Em volta a neve branca estendeu-se, desde o fundo do valle, pelas encostas, por sobre os pinheiros alpestres, alastrando-se sempre, até o oce que, no recorte dos montes, desmaia em leite — como nos céos de Corot. Esta paizagem tem o sorriso doloroso do medico amigo que anima com esperanças o doente a quem já antemarcara a hora d'arradeira. Não ri pelo ar um canto d'ave, e as arvores do valle são sempre outomnaes...

Vae esmaecendo a luz do dia, como cá a conversa de dois velhos apoz longas recordações que os emmudece. Algumas ruínas, poucas, formam o poente livido e frio d'onde começa a soprar uma viração atterradora. Então, as tendas levantam-se, os terraços ficam varridos, e pelas sendas de neve que descem o monte veem fugido os doentes, como se a essa hora uma pavorosa ave negra d'azas agourentas, nascida da tinta crepuscular, passasse por aquelle canto da terra em busca d'olhos humanos para lhes beber a vida incerta!

E no entardecer silencioso d'essa hora que se apaga, ouve-se, agourento como um uivo, o silvo da locomotiva que parte, atravessando o valle. Um wagon vae envolvido em crepe: é uma camara ardente porque uma cruz branca seila as portadas. Dentro, talvez, o cadáver d'um filho, que um creado d'hotel amortalhou á pressa e despachou, em grande velocidade, á casa paterna.

Para onde? Para a Russia? Para a Alemanha? Para a Suecia distante? Para a Escocia? Para as areias de Portugal?

Sabe Deus para onde!



O Dr. Joaquim Evaristo

O seu methodo de tratamento da tuberculose

UMA bella manhã, ha cousa de quatro mezes, o paiz foi surpreendido com esta grata noticia: o medico de Lisboa, dr. Joaquim Evaristo, em sessão da vespera na Sociedade das Sciencias Medicas, communicara aos seus collegas que, tendo procedido a ensaios de tratamento de diferentes fórmas da tuberculose pelo liquido ascitico previamente arrejado, obtivera em todos os doentes os mais lisonjeiros resultados.

A reconhecida seriedade profissional d'aquelle clinico, a sua modestia e aversão ao reclamo e o saber-se logo que elle ha mais de um anno trabalhava obscura e tenazmente em verificar a exactidão da idéa que, n'uma hora feliz de estudo, concebera, fizeram que a imprevisita nova fosse recebida confiadamente pelo publico e accordasse alvoroços de alegria na grande legião dos infelizes, cuja existencia esse infinitamente pequeno, a que Koch deu o nome, devora dia a dia sem piedade.



Dr. Joaquim Evaristo

Foi isto pelos fins do anno passado que, ao partir-se para a historia, nos rasgou este clarão de esperança, talvez para que d'elle não ficássemos guardando só lembranças amarguradas.

1898, entre outras sensaborias, presenteara-nos com a propheta sinistra, formulada pelo grande ministro inglez na famosa parábola das nações moribundas, do nosso fim proximo como nacionalidade. Não era pois de mais que a este fetrico annuncio de morte *collectiva* o anno addicionasse, á despedida, como compensação, uma risinha promessa de *vida individual*.

Por mim confesso-me até sobejamente indemnizado com ella: e digo-o, não por egoismo de doente que todos os sentimentos immola ao seu infortunio, mas porque, ao mesmo passo que os meus pulmões, em via de concerto, me vão dizendo que o clinico portuguez está dentro da verdade, a minha razão repelle por inteiro a possibilidade da extranha e novissima doutrina de direito international com o poderoso lord no celebre *toast* de Londres assarapantou a Europa.

S. M. a Rainha, affirmando mais uma vez a alta noção, que a distingue, do moderno officio de reinar, poz-se logo á testa do movimento de sympathia iniciado em favor dos trabalhos do dr. Joaquim Evaristo. Chamou-o, e, em palavras de caloroso incitamento, cujo tom de sinceridade bem traduzia quanto o seu grande coração conhece e sofre com tanta desventura sem remedio, sinceridade testemunhada em contínuas peregrinações aos bairros de miseria e hospitales, que a tuberculose orçular — animou-o a porfiar nos seus esforços, offerecendo-se para lhe facultar todos os elementos de estudo e de trabalho que lhe fossem necessários.

A corrente de infelizes ansiosos de viver estabeleceu-se de subito em força para o consultorio da rua do Carmo. Originava-a apenas o conhecimento, dia a dia adquirido e propalado de bocca em bocca, de casos, se não de cura, ao menos de melhoria rapida e imprevisita, ope-

rada em doentes pela maior parte abandonados já de toda a esperança de salvação. O auctor da descoberta, esse, depois da sua communicação ás Sciencias Medicas, formulada por dever scientifico e para garantir direitos de prioridade, não só se abstevea systematicamente de qualquer annuncio ou reclamo, mas até procurava corrigir, ante os doentes que d'elle se soccorriam, a pernicioso noção de elixir milagreiro, de effeitos subitos, infláveis e maravilhosos, que o espirito popular entusiasmado ia formando com seus exageros e seus panegyricos sem criterio, ácerca do novo sóro. A honestidade clinica do dr. Joaquim Evaristo e, mais ainda, a fé ardente, que os factos cada dia iam justificando, na efficacia do seu remedio, destinado por ventura a constituir uma grande dadia á humanidade, faziam-o, e fazem-o ainda hoje, soffrer com estas comprometedoras apologias que tanto sorriem aos charlatães como magoam os que caminham dominados só pelo desejo ardente de attingar a verdade e de honrar solidamente o seu nome por uma contribuição de valia em favor da sciencia e do bem dos outros.

Mas o nosso feito ultra meridional é assim. Quando o surprehe um favor da fortuna com que não contava, abandona-se a um tal impeto de glorificação destemperada que lhe previerte logo o verdadeiro merito e lhe põe em risco o exito futuro.

Em que consiste o novo sóro e por que série de observações e racioniosos o dr. Joaquim Evaristo chegou ao seu descobrimento não vem para aqui dizer. Nem foi decerto para isso que a redacção do *Brasil-Portugal* me convidou a fazer este artigo, nem eu me sujeitaria a subscrever, embora fazendo simples trabalho de copia, materia scientifica em que sou profano.

Além de que tudo isso está já sufficientemente publicado e escripto.

A minha missão é de simples depoente como enfermo e como testemunha do que tenho ouvido e observado na convivencia do consultorio com muitos dos meus companheiros de infortunio.

O tratamento consiste em injeções que nos são applicadas duas vezes por semana no dorso, de ordinario do lado do pulmão invadido.

A dose de sóro injectado a principio é de 1/4 de c. c. Depois vai ella gradualmente augmentando até 3 c. c.

Nos tuberculosos febris a temperatura ás primeiras applicações sobe um grau, de ordinario; d'onde resulta o dr. Evaristo usar da maxima prudencia no tratamento dos enfermos que attingem 39° e mais, cada dia, buscando previamente fortalece-l-os pela imperialmentação e attenuar-lhes a febre pelos meios que a sciencia aconselha.

Nos tuberculosos apyreticos o augmento de temperatura é quasi imperceptivel, como em mim mesmo tive occasião de observar.

Foi ao cabo da sexta injeção que eu senti os primeiros symptoms accentuados de melhora e é de ordinario a essa altura aproximada do tratamento que á maioria dos doentes tenho ouvido referir o reconhecimento de uma modificação do estado geral em sentido favoravel.

Com effeito, em menos de um mez, dir-se-ia que um *élan* de vida nova insuflava todo o meu ser. Com surpresa minha, tanto maior quanto estava longe de esperar tal beneficio, sentia-me outro e o meu rosto espelhava nitidamente, ao que tenho ouvido, essa transformação. O appetite augmentou e o pezo tambem. A alteração, embora ligeira, de temperatura, que diariamente de ha muito me apouquentava, desapareceu por completo e, com ella, se me supprimiu o mal estar e o cansaço que lhe são connexos.

Se tudo isto me surpreendia, as vantajosas modificações, reconhecidas á oscultação, no pulmão invadido, não surpreendiam menos o medico e devo ainda dizer que essas modificações de semana para semana se teem accentuado como se um poder bacterizica mysterioso andasse chacinando as legiões de bacillos que fizeram praça de guerra do meu apparell respiratorio.

Mas não é ainda n'estes casos de tuberculose de fórma torpida, como o meu, que a acção do sóro agora descoberto mais significativamente teem correspondido á expectativa do seu inventor. Bastantes doentes que a febre minava sem dó, e que durante a noite ensopavam os lençoes em suor, teem visto suspender-se-lhes a copiosa transpiração pouco depois de começarem o tratamento, á quarta ou á sexta injeção, e, ao mesmo tempo, a temperatura ir-lhes diminuindo até á normal ao cabo de um mez ou mez e meio de tratamento.

Vi alguns d'esses doentes e ouvi-lhes narrar estes resultados; por isso os cito. Além de que a cara que elles tinham e a que teem hoje vem com força em apoio das suas affirmações.

Ora querer explicar melhoras de tal natureza pela auto-suggestão, como até já ouvi, lá me parece dar latitude demasiada á possível acção benéfica d'aquelle phenomeno psychico.

Mais verosimil seria a objecção, posta por aquellos que, não querendo precipitar-se em reconhecer a efficacia do novo methodo de cura, dizem que os resultados obtidos, e que não é facil deixar de admitir, podem muito bem ser devidos simplesmente ao regimen da cura de ar e da *suralimentação*, a que os doentes são sujeitos conjunctamente com a applicação das injeções.

É certo que os sanatorios do estrangeiro, onde esse regimen é exclusivamente posto em pratica, dão annualmente uma larga contribuição de curas, mais ou menos reaes, e o mesmo pode succeder aqui aos doentes que a tal vida se condemnem n'uma estação climaterica que reuna as vantagens do Mont'Estoril, por exemplo. Eu mesmo já, n'uma estação de altitude da Suissa, consegui chegar á chamada *cura apparente*, attestada pelos medicos de cá e de lá, sem para isso ter feito uso de qualquer especie de droga, injeção ou cousa que lhe equivalha.

A duvida pois seria admissivel se porventura os factos n'este caso occorressem taes como ella os presuppõe, isto é, se todos os doentes em tratamento com o dr. J. Evaristo beneficiassem ao mesmo tempo do ar puro, da alimentação rica e forçada, do repouso absoluto e do despendimento de cuidados que constituem o programma de existencia do tuberculoso.

Mas infelizmente assim não succede; muito pelo contrario até.

Está claro que o medico preconisa com ardor a observancia d'aquelle regimen como auxiliar poderoso de acção benéfica que attribue ao seu invento. O esquecimento de tal recommendação é que seria de molde a suscitar suspeitas sobre o merito real do remedio, pois que, fiquese este ou venha outro melhor para o tratamento da tuberculose, a importancia do papel da hygiene na cura ninguem com seriedade scientifica poderá recusar.

Mas, como, por uma pungente ironia do destino, a tísica, sendo uma molestia para ricos e ociosos, escolhe a melhor parte das suas victimas entre os desprotegidos da fortuna, succede que o dr. Evaristo, tendo tratado e tendo em via de tratamento duzentos e tantos enfermos, d'estes todos apenas *novos* ou *doz* se encontram no Estoril sujeitos a um regimen serio, e poucos mais são aquellos que vivem fóra da atmosfera viciada da capital. Os outros, isto é, a maior parte, permanecem em Lisboa, uns por necessidade, outros por falta de meios e outros ainda por ignorancia das vantagens que obteriam em trasladar a sua residencia e em transformar radicalmente os habitos de vida. Muitos d'estes vivem nos bairros menos saudaveis da cidade, ou, (os vindos da provincia) em hospedarias das peores ruas da Baixa, em que o conforto, o azeite e o arajamento são quantidades desconhecidas. Alguns tem de cumular o tratamento com o exercicio de occupaçoes fatigantes, em espaços fechados, havendo até dois que fazem a sua *cura d'air* todas as noites representando na atmosphera de uma sala cheia de espectadores!

E' de suppôr ainda quanto deve ser deficiente e incompleto o regimen alimentar d'uma parte d'estes enfermos, não só d'aquelles que carecem de meios para o ter melhor, mas ainda dos que desconhecem ou temem em desconhecer, agrardos a velhos preconceitos, a necessidade impreterivel de contrapôr aos destrôcos do bacillo a alimentação forçada.

Pois é precisamente n'este grupo que se encontram hoje os casos mais curiosos e notaveis, confirmadores da acção benéfica do novo sôro. Sabem-o os que tem acompanhado a clinica do dr. J. Evaristo e ha de sabel-o o publico quando essas observações forem dadas á luz.

Alguns dos casos do Estoril, por se tratar de pessoas evidentes, foram aquellos que, com effeito, mais barulho produziram e mais concorreram para fazer a reputação do tratamento. Mas esses casos, que são bonitos (e de prompto não faço restricção porque o desditoso jornalista fallecido ha pouco n'aquella estancia constituia uma bella observação clinica, segundo ouvi a pessoas competentes, que pena foi não se corroborar pela autopsia) esses casos, digo, não valem mais que outros de doentes obscuros de Lisboa e que com certeza em nada são credores ás melhoras nem ao ar que respiram nem a regras de hygiene que observam.

Para mim, que sou profano em medicina, mas que em dois annos de permanencia nos melhores sanatorios da Suissa e no contacto com os mais habéis especialistas d'aquelle paiz, aprendi o que constitue o regimen indispensavel do tuberculoso, regimen que uma longa pratica me tem mostrado ser o verdadeiro, está n'aquelles resultados alcançados pelo dr. Evaristo uma das razões que mais impressiona o meu espirito em favor da sua descoberta.

Realmente melhorar tísicos aerophobos que dormem de janellas fechadas, que só comem quando lhes appetite e que desattendem as varias regras do que bem se poderá chamar *à arte de viver tuberculoso*, parece-me cousa que entra já pelos dominios da suzerania.

Apezar de tudo isto comprehende-se que a sciencia entenda que taes factos não bastam ainda a consagrar definitivamente o liquido ascitico como sôro parasiticida e respondendo ás exigencias de um remedio para a tuberculose. Ha poucos mezes apenas que o dr. Evaristo está praticando em grande o seu methodo, quasi todos os doentes encontram-se ainda em via de tratamento, e falta portanto, entre outros, o testemunho indispensavel do tempo para dizer se os beneficios evidentes em tantos casos alcançados são susceptiveis de completar-se ao ponto de attingirem a cura radical e real da enfermidade.

Demais, as cruéis desiluzões que a humanidade tem soffrido com a tuberculina de Koch, o sôro de Maragliano e outras panacéas, acclamadas entusiasticamente n'um dia e postas de banda no dia seguinte, justificam de sobra a reserva e prudencia postas pelo mundo medico á approvação de novos inventos do genero.

Mas se os factos que enunciei, e que só por má fé podem ser denegados, não constituem ainda prova sufficiente, tal como ella n'um caso d'estes se requer, formam contudo uma *presumpção*, e isso basta, parece-me e ha de parecer a toda a gente, como apello, que não deve ser desattendido, á attenção e á boa vontade dos competentes, para que todos elles prestem o concurso do seu saber e da sua intelligencia aos trabalhos iniciados tão auspiciosamente pelo dr. Evaristo.

Desde que o genio de Pasteur conseguiu surprehender o germen da molestia nurna, aliada á sciencia, conseguiu de que era uma questão de tempo a conquista do segredo de a exterminar. Essa conquista cada dia mais se arrega e d'ahi o afan com que tantos trabalham no estudo do problema.

Tem caprichos insondaveis a sorte em materia de descobertas.

Porque não podia ella lembrar-se de conceder ao velho Portugal a gloria de fazer essa grande dádava ao mundo!

Instituições Portuguezas no Brasil

III

Gabinete Portuguez de Lectura no Rio de Janeiro

A proposito viriam aqui algumas considerações sobre o estado irrequieta da colonia portugueza em relação ao representante de Portugal no Rio de Janeiro cujas acções, altamente meritórias, é de suppôr, o governo porfiou de encampar até que o grito unisono das consciencias immaculadas o impelliu a um acto de simples justiça; de molde viria narrar como é que então se bem-memoria da patria, auxiliando o despojavamento d'ella: pela caça ao preto, na Africa, pelo engajamento do branco, na metropole; occasião fóra, talvez, de contar, como a escravisação de pretos e brancos portuguezes tinha por celebrante e pontifice aquelle a quem incumbia o sacratissimo dever de velar pela liberdade de uns e de outros; tratar, porém, d'esses committimentos edificatissimos, que inundaram de lagrimas as faces de milhares de desventurados, seria revolver podridões com as quaes se não compadece a delicadeza de sentimentos dos leitores d'esta Revista.

Prosigamos, portanto, na traçada róta, sem preoccupações de novas descobertas.

O Gabinete Portuguez de Lectura no Rio de Janeiro assentou morada na casa n.º 83 da rua de S. Pedro.

Não tendo sortido effeito o intento occulto do congraçamento de todos, ou mesmo da maioria dos elementos constitutivos da colonia, os fins do Gabinete restringiram-se aos claramente consignados na sua lei organica.

Infelizmente, nem assim as difficuldades deixaram de apparecer desde logo e com caracter ameaçador de naufragio para a nascente associação.

Eduardo Alves Vianna, não contente com abandonar a sua obra, machina-lhe o descredito e põe em almoeda o seu titulo de accionista; alguns dos seus sequezes seguem-lhe o exemplo, e a Directoria, ainda sob a presidencia do Dr. José Marcellino da Rocha Cabral, tem de appellar para a assembléa geral.

O sentimento de patriotismo dos poucos que se interessavam de alma e coração pela existencia do Gabinete redobrou de esforços e de entusiasmo; uns subscreveram mais acções, outros fizeram ofertas de livros e dinheiro, e os restantes cada um de per si e pelos seus amigos trataram de obter novas adhesões.

A despeito d'esses esforços, a associação caminhou lentamente e entre constantes contrariedades.

Os seus escassos recursos pecuniaros mal lhe davam para obter alguns impressos e manuscritos raros, de que então o Rio de Janeiro era fértil, graças á sabedoria com que das nossas bibliothecas publicas e particulares foram para alli transportados com a côrte de El-Rei D. João VI.

N'isto, n'estas acquisições, puzeram disvellado amor os intellectuaes do Gabinete; mas a maioria reclamava litteratura barata e recreativa, manifestando a sua má vontade pela suspensão de pagamento das mensalidades.

Forçoso foi obedecer á maioria, porque as maiorias hão-de eternamente exprimir a vontade do Direito, tantissimas vezes conculcado por ellas.

O romance sanguinario, a novella phantasmagorica, e mais bugangas, quasi todas de origem franceza, vulgarisadas em portuguez macavado, ao alcance das magrissimas bolsas intellectuaes, subio de cotação, e os descontentes deixaram de o ser, porque os seus reclamos foram attendidos, e a clientella de leitores augmentou, augmentando com isso os recursos pecuniaros!

Resultante da extraordinaria imposição a que não houve fugir, — decorridos cinco annos após a fundação do Gabinete, — a necessidade de mais espaço casa se fez sentir, e o Gabinete passou a funcionar na rua da Quitanda n.º 55, até que, por identicas razões, teve, oito annos mais tarde, de transferir-se para a n.º 12, da rua dos Benedictinos, onde viveu, mais ou menos afortunadamente, até á conclusão do magnifico edificio que possui á rua da Lampadosa, hoje Luiz de Camões, e de que dá uma idéa perfeitissima a gravura que acompanha o presente artigo.

O Gabinete Portuguez de Leitura



no Rio de Janeiro

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

O cruzador D. Carlos



Jacyntho Candido

gido de péra a péra por uma facha coraçada de aço doce de espessura variavel entre 40 e 110 millimetros.

A casa do commando é protegida por placas de aço de 10 centimetros de espessura.

Os mastros são dois, de ferro com dois reductos para canhões de 47, e projectores electricos.

O governo do navio consta de uma machina especial a vapor para a manobra do leme, bombas a vapor e de braços para esgotamento em caso de ruptura, um transmissor d'ordens, um porta voz, um telemetro, systema Barr e Strond, apparatus de distillação, machina electro-dynamica com caldeira independente, machina a vapor para o cabrestante, bomba de compressão de ar, e um motor auxilio para serviço dos cineiros.

A iluminação é a luz electrica collocada de fórma que não tem o menor contacto com os compartimentos destinados á guarda da pólvora e projecteis.

Exteriormente possui quatro fortes projectores electricos assim como os apparatus destinados aos signaes.

Além dos escaleres que lhe competem em harmonia com o numero da guarnição possui mais duas chalupas a vapor com força sufficiente para em mar calmo reboecarem todas as outras embarcações. Os alojamentos constam de uma camara e beliche para o commandante, *famoir*, duas salas de jantar, beliches para 14 officias, salas de banho, retretes, enfermaria, escriptorio do commissario, pharmacia, officina do mestre artilheiro, *cabine* do mestre da equipagem, camara dos officias inferiores com 12 dormitórios, camara dos machinistas com 6 dormitórios, etc.

As dispensas e tanques de agua podem conter: generos para uma viagem de 40 dias, o agua para 15 dias destinados a uma equipagem de 300 homens.

O systema de arejamento é o mais aperfeiçoado que se conhece e dos ultimos modelos adoptados pela marinha de guerra ingleza.

Estes aqui detalhadas, embora resumidamente, as condições do esplendido navio que em breve deve ser entregue ao governo portuguez.

De Inglaterra até ao Tejo virá commandando-o o capitão de mar e guerra conselheiro Guilherme Augusto de Brito Capello, um dos officias mais prestigiosos da nossa marinha de guerra e dos que mais serviços prestou ao paiz. Nascou aos 5 de agosto de 1839 e teve o seu primeiro alistamento depois dos respectivos preparatorios em 20 de setembro de 1859, sendo promovido a aspirante de segunda classe em 1 de julho de 1857, a guarda marinha em 1 de outubro de 1859, a segundo tenente a 21 de novembro de 1861, a primeiro tenente a 27 de fevereiro de 1873, a capitão tenente a 1 de junho de 1888 e a capitão de mar e guerra a 12 de agosto de 1893. Commandou as canhoneiras *Guadiana* e *Sado* e as corvetas *Rainha de Portugal* e *Afonso de Albuquerque*. Foi governador de Angola e da provincia de Dja e fez parte em 1860 da expedição ao Quiambo, commandando em 1871 a forpa de mariuhagem do ataque de Caconda.

Em 23 de abril de 1895 foi nomeado commissario regio da provincia de Angola, lugar que desempenhou com o maximo criterio e do qual passou para o de fiscal do governo da construcção do cruzador *D. Carlos*.

Além d'estas importantes commissões foi commissario regio nos trabalhos da delimitação da região da Lunda, encarregado de vigiar o fabrico da canhoneira *Sado* e de assistir no castello de Abrantes á experiencia da telegraphia optica Tavares; vogal da commissão encarregada de examinar o relatório sobre o telegrapho militar de luzes, e assistir ás respectivas experiencias; de redigir um projecto de reorganisação do corpo de officias de fazenda da armada, de estudar a qualidade e quantidade dos navios empregados no serviço especial das colonias, ajudante de campo honorario do fallecido rei D. Luiz, e de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, presidente da commissão encarregada de dar parecer ácerca do systema do tenente coronel Higges para a substituição dos combustiveis usados para a produção do vapor de agua, director da Cordoaria Nacional, vogal electivo da junta consultiva do ultramar, secretario do conselho do almirantado, commissario regio junto da companhia de Mossamedes, vice-presidente da commissão de cartographia e vogal do conselho fiscal do fundo permanente da defesa nacional.

É grande official da ordem de S. Bento de Avis, commandador da Torre e Espada, cavalleiro de S. Thiago, tem as medalhas de ouro da classe de bom-servicos e de serviços no ultramar algarismo I, gran-cruz da ordem do Merito Naval de Hespanha, a medalha de ouro da classe de comportamento exemplar e a carta de conselho.

Em curta e rapida passagem pelos conselhos da corôa raros politicos podem, como o conselheiro Jacintho Candido da Silva, ufanarse de ter feito alguma cousa de util e manifestamente pratico para o seu paiz. A elle sem duvida se deve o resurgimento da nossa marinha de guerra e a completa modificação do arsenal de marinha, que se fez de genero de obras metalicas e para o qual contractou o engenheiro Alphonse Croquet e varios technicos secundarios, que, ensinando o pessoal d'aquelle importante estabelecimento, conseguiram no curto prazo de um anno construir o cruzador *D. Amelia*, que ficará sendo um dos melhores navios de guerra da nossa marinha.

Ao sr. Jacintho Candido se devem o cruzador *D. Carlos*, e os cruzadores *S. Gabriel* e *S. Raphael* em construcção em França, assim como a compra da barca de ferro *Pera de Alenquer* e do brigas *Pedro Nunes*.

Justo pois é confessar que este ministro serviu bem o seu paiz durante o tempo que esteve á frente dos negocios da marinha.

O cruzador *D. Carlos* construido nos importantes estaleiros da conhecida casa Armstrong segundo as condições do concurso, publicadas no *Diario do Governo* de 27 de junho de 1894, é um bello barco de 4-100 toneladas, construido de aço, de quereza dupla revestida de madeira e cobre e dividido em compartimentos estanques.

O seu deslocamento em carga é de 3-900 toneladas e a imersão de seis metros no maximo.

As machinas são de triplice expansão e verticaes, e as bielles, pistons e arbores motoras de aço Siemens Martin. As helices são de bronze-manganesio e as caldeiras archi-tubulares.

A sua marcha, em mar calmo, é de 20 nós, com tiragem natural, e de 22 com tiragem forçada.

Tem paños para um aprovisionamento maximo de mil toneladas.

A artilheria é de tiro rapido e compõe-se de 4 canhões de 15 centimetros, 8 canhões de 37 millimetros, 4 metralhadoras e cinco tubos lanca-torpedos, sendo tres para o lançamento de projecteis e cargas para 150 tiros por canhão de 15 e 12 centimetros e de



Cruzador D. Carlos

canhões de 12, doze canhões de 47 millimetros, e um canhão de 120 millimetros, abaixo da linha de fuetuação. Tem aprovisionamento para cada um dos demais canhões. É protegido por uma cinta de ferro de 15 centimetros de espessura.



Guilherme Capello

Como se deprechende d'estes dados, o novo cruzador portuguez é digno de possuir por seu primeiro commandante um official como Guilherme Capello que tão alto nobilita a prestigiosa classe a que pertence.

Felizmente que os homens publicos portuguezes se compenetraram de que era mais que uma necessidade nacional, porque representava o cumprimento de um dever inadivél, o resurgimento da nossa marinha de guerra.

A valiosa importancia das vastas e cubiçadas colonias que possuímos dessemiinadas por todo o globo, e especialmente pela Africa indicava naturalmente que necessitavamos de navios de grande marcha e ampla capacidade para em dado momento acudirem com rapidez onde fosse necessario, oudo quer que o perigo despontasse.

Indesejavel velleidade seria pensar-se em adquirir navios de combate propriamente ditos, grandes couraçados munidos de resistentes couraças e potente artilheria. O thesouro publico não poderia com o custo d'estas machinas colossaes, e mesmo que possesse, tres ou quatro seriam insufficientes para oppor ás poderosas esquadras das demais nações.

A supposição de um combate naval deve sempre existir afastada do nosso pensamento. O pratico, e coerente e o util foi o que se fez, mandando-se construir cruzadores de grande velocidade que podem transportar algumas centenas de homens, munições e armamentos, unica forma de sem mais demoras nem complicações se poder acudir de prompto a qualquer das nossas colonias que á metropole requisite auxilio urgente.

O cruzador *D. Carlos* fica sendo o melhor de todos esses navios, pelas suas dimensões, artilhamento, e perfeitibilidade de construcção ainda nos seus menores detalhes.

A casa Armstrong tem-se emmerado em apresentar um trabalho digno dos credits universaes de que goza. E' um navio tipo, o cruzador moderno, satisfazendo a todas as exigencias que a pratica e a theoría indicam, navio maguifico e imponente que fará boa figura em qualquer ponto onde surja.

Depois de concluidos os que se estão construindo em França, e o *D. Amelia*, recentemente lançado á agua em Lisboa, a nossa marinha de guerra ficará contando cinco cruzadores, sendo dois de primeira classe, e todos construidos sob as regras dos principios mais modernos, assentes para tal genero de embarcações de guerra.

E no estado em que actualmente se encontra o arsenal de marinha, que dia a dia adquire novas machinas e ensaia os mais variados processos de construcção naval, é de presumir que em breve elle se encontre habilitado a proceder á construcção de todo o genero e classe de navios de combate, sem que haja necessidade de recorrer á industria estrangeira.

Bibliographia

OS AMORES DE CAMILLO, por Alberto Pimentel, em vol. 8.º grande, XII-435 paginas. Empresa Litteraria Lisbonense, de Libanio & Cunha, editores. Lisboa, 1899.

Só Alberto Pimentel poderia escrever semelhante livro. A especial autoridade provem-lhe da sua velha intimidade com o Mestre, do seu inalteravel culto por aquella grande memoria, e da sua indole litteraria — de investigações e de averiguações.

Lembro-me de outro livro consagrado a Camillo Castello Branco — livro da biographia do grande homem — por outro escriptor que o admirou e amou: José Cardozo Vieira de Castro: e que differença entre os dois tributos! Sa-e da leitura d'esse livro, algo atordoado pelas expansões entusiasticas do auctor, e mais se pensa na sua individualidade que na do illustre biographado. Quanto á obra de Alberto Pimentel, é serena, de escrupuloso e lucidissimo apuro e de conclusões definitivas. Do trabalho do bibliophilo, do intimo e do psychologico resalta, inconfundivel e invidiavel, a phisionomia moral de Camillo, as sympathias engastam-se na admiração pelo grande e desventurado romantico, e um pensamento agradecido é tributado ao escriptor de consciencia e de talento, que dos *archivos bibliographicos* extrahiu os documentos para a final reconstituição de uma tal figura.

Quando se annunciou o livro, *Amores de Camillo*, ouvi eu condemnar tal projecto por alguns espiritos rectos e esclarecidos. Recorreram, porventura, involuntaria profanação, por inconfidencia. Es esperiei tranquilamente, confiando no claro espirito do biographo. Não me traiu a confiança.

Evade-se este livro á critica litteraria e a subtilizes de analyse, muito do gosto de pedantes. Se o leitor não conheceu Camillo, a não ser pela obra litteraria, é tudo novidade no trabalho de Alberto Pimentel; para os que de perto o conheceram dá-se este *facto*, em que ha encanto e melancolia: a cada momento se ratificam as nossas recordações. Um determinado episodio suggerem-nos a visão de cem episodios de igual harmonia, — que não falta harmonia nas contradicções successivas d'aquelle caracter singularmente complicado. Tenho ideia de n'um livro, que intitulei *Neste valle de lagrimas*, haver referido diversos casos elucidativos, e todos elles se prendem ao desenho do caracter de Camillo, hoje desenvolvido por Alberto Pimentel, com a mais lucida dedicação.

Eu disse *dedicação*, e necessario se tornava tal sentimento, para que, durante um convívio de muitos annos com aquelle espirito contradictorio, amargo e expansivo, suspeitoso e crédulo, sarcastico e doce, aggressivo e desdenhoso, se não reproduzisse o *caso* d'aquelle conto de Balzac *La maison du chat qui palotte*: um esmagamento pelo

amplexo do genio. Só a dedicação intelligente pode sustentar a serenidade e a igualdade n'uma tal tormenta de *repêlles*. Alguns soffri do grande desventurado, mas *tambem eu o amei*.

Atravessava o espirito esta recordação. N'um periodo em que varios inferiores se congregaram para o insultar, um desgraçado abaisso de todos, especie de *sentinella*, cheio de contusões recebidas sem protesto, publicou contra elle um estendal de bobazeiras com pretensão a injurias. Remetteu-me Camillo um exemplar do sarapatel, que o auctor lhe enviava com a esperança n'uma sóva, e n'uma carta que, ao mesmo tempo, me escrevia, li eu o seguinte:

— «Veja você a minha desgraça: recebo uma descompostura de cem linhas, com cento e dez erros de grammatica! Já viu um patife como esse? Mande-lhe pedir, pelas almas, que para outra vez, me remetta o original antes de imprimil-o, afim de que eu lh'o emende.» Era n'uma quadra em que elle varria, com a saoussa de Hercules, as cavallarças de Augias. N'aquelle dia inclinou-se á compaixão...

Citarei, de passagem, dois pontos que no livro *Os Amores de Camillo* me demoraram especialmente a attenção. O folheto intitulado *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco*, por Nuno Castello Branco (pseudonymo de S. Miguel de Saude), impresso em 1890, no Porto, não entrou no mercado. Tive d'elle conhecimento pelo visconde d'Ouguela, que m'o offereceu; Alberto Pimentel conheceu o deploravel libello por intermedio de Fernando Palha. Vê se que o filho de Camillo, ao contestar a paternidade a sua irman, occultava o seu *Protesto* aos homens de quem deveria esperar o esmagamento das calumnias, pois que taes homens eram por elle desmentidos no folheto coberto (!) pelo seu nome. Vae aqui um pensamento de restricção: é que o visconde Nuno de Castello Branco era incapaz de escrever o folheto, embora não houvesse alli primores de litteratura.

Deixei alguns demonstrados (*Neste valle de lagrimas*) e na compilação de *Carlas de Camillo Castello Branco*, por mim prefaciadas, e editadas por Tavares Cardozo em 1895) os dados irrefutaveis que eu possuia para destruir as miserias do tal *Protesto*, e tenho aqui o enternecido agradecimento da filha de Camillo, que recebi do Porto, quando sahi a defendê-la. A argumentação de Alberto Pimentel, condensada nos *Amores de Camillo*, é irrepresentavel e invalida por todo o sempre as tentativas de discussão.

O outro ponto, o que congela o sangue, é aquillo da morte de Alves Pinheiro, o marido de Anna Placido — *a mulher fatal*, — n'uma estalagem de Famação, abandonado e esmagado em seus affectos e em sua honra: é a mão de ferro que, em Lisboa, com que estrangula o amante de Anna Placido, á hora em que o marido d'ella expira na estalagem do Minho, a meia hora de S. Miguel de Seide. Fixou Camillo, demoradamente, esse *facto* terrivel; e assim durante os ultimos trinta annos, torturados até ao requinte do tragico, da vida do admiravel escriptor, soletrou elle talvez, a cada hora, a tremenda palavra *Expição* — como chave do enigma tenebroso do seu pungentissimo soffrimento!

SILVA PINTO.

AGUARELLA

(Versos de João Saraiva)

RECORDAM-SE no outeiro

As ruínas em montão d'um castello roqueiro.
Quando um frouxo de sol a morrer no occidente
Doira a crista da terra e escala frumante
A sombra negra d'essas ruínas desoladas,
Eu lembro o Passado: os duellos e as caçadas!

Vejo-os correr ainda, esses nobres avoengos,
Montarias reses, com seus fins podengos,
A galope, galgando sebes e vallados,
— O cabelle a apontar os gurrus empulmados! —
Sobre negros corseia resolegando pompas,
E irem, chichotes no ar, a vibração das trompas,
Leves no estribo, ao fim d'um bosque secular,
Empoeirados na luz do sol crepuscular!
E ouço ainda a distancia os confusos ruidos:
O *ballado!* a resoar no bosque entre latidos!

Hoje, reina um silencio austero nas campinas.
O sol que vae morrer beija somente ruínas!
Zumbe através do bosque um enxame de insectos;
Tremem, na calma do ar, retidas verdes de feios;
E o fio d'água que murmura entre os choasques
Some-se entre o fraguado e não scintilla mais...



EDUARDO FALLERON

(Da Academia Francesa)

Fallecido em Paris no dia 20 de abril

THEATROS



Angel Guimera

A ACTUAL temporada theatral toca o seu termo. Em cada anno, invariavelmente, os theatros começam fechando as suas portas, quando na Avenida florescem as olaias e pelos beirões dos telhados suburbanos têm construído os seus ninhos as andorinhas.

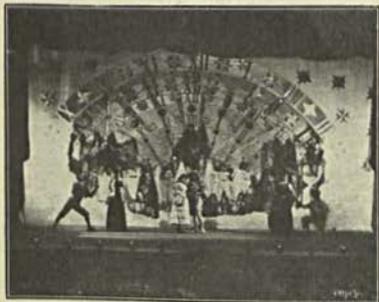
S. Carlos, como theatro que se preza e cuja aristocratica feição não admite massadas, é quem abre o exemplo. Seguem-se, pelos mais, as costumadas recitas a beneficio dos artistas, concertos, saraus, festas de caridade; e logo atropelladamente um largo exodo se manifesta, de todas essas pittorescas troupes de comediantes,—ao mesmo tempo syndicatos do interesse e caravanas do Ideal,—que, fazendo as malas, a novos centros de exploração, a outras paragens vão demandar seu equitativo quinhão de applauso e de ganho.

Assim, ah! vão agora para o Porto as companhias dos theatros de *D. Maria* e *D. Amélia*; parte das companhias do *Gymnasio* e *Príncipe Real* prepara-se para ir percorrer algumas terras de provincia; Lucinda Simões vae, com os seus, para o Brasil; do Porto vem para

Uma scena do Padre Juanico
(Theatro D. Amélia)

Lisboa a excellente companhia Taveira; para o Brasil ainda parte Souza Bastos, com uma companhia recrutada em varios theatros, mas tendo por nucleo os primeiros artistas da *Trindade*; e até o corajoso e sympathico empresario do theatro *Avenida* se propõe ir deslumbrar os portugueses com o portentoso scenario e guarda-roupa da sua *Pera de Satanaj*.

Temos fé em que esta empresa será coroada de exito; bem o me-

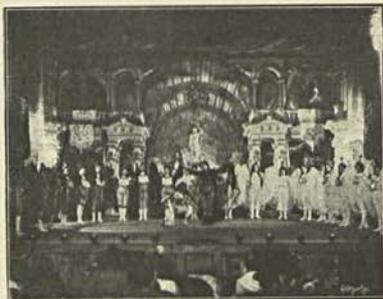
Quadro das horas. — Da magia O RELOGIO MAGICO
(Príncipe Real do Porto)

recem os excepcionaes primores com que effectivamente a afamada magia foi posta em scena aqui. No entanto, todo esse luxuoso e complicado deslumbramento de scenographia e *mise-en-scène* não logrará, estamos certos, communicar ao publico do Porto um grande effecto de inédito, por isso que n'esta cidade está actualmente tambem em scena, posto com toda a magnificencia e apparatus, o

RELOGIO MAGICO

uma outra producção de Eduardo Garrido, cheia de mutações e quadros imprevisos, e salpicada d'aquella graça leve, fina, inoffensiva,

que é um dos caracteristicos do talento do auctor. A musica, de Cyriaco de Cardoso, faz realçar n'um grande destaque artistico toda a encantadora visonaria das phantasias do poema, segundo affirmam os jornaes do Porto, e nós acreditamos piamente.



Apotheose da magia

Entre as peças ultimamente exhibidas, devemos especialisar, pelo criterioso acerto da escolha: a celebre peça de Augier, *Les Effrontés*, no theatro de *D. Maria*; e, no *D. Amélia*, o

PADRE JUANICO

do eminente dramaturgo catalão, Guimera. Bastava este nome consagrado para impôr á critica a maior attenção sobre a sua peça. Com effecto, o afamado auctor de *Tierra baja* é hoje um dos mais gloriosos vultos litterarios da Hespanha. A sua obra de theatro, vasta e profunda, tem ao mesmo tempo uma feição typica, o accentuado cunho regional, e o que quer que seja, pela universalidade do sentir, de profunda e perduravelmente humano.

Guimera representa hoje em Hespanha, ao lado de Tamayo,—mas mais intensa e caracteristicamente do que este,—a moderna corrente revolucionaria, a actual tendencia moralisadora e humana que norteia e tende a avassallar a arte do theatro. Em todas as suas peças, sob a suggestiva gaze d'um vago symbolismo, a realidade, flagrantemente colhida, estrebucha, e um realismo pungente aponta em arestas do seu doce esfumamento de poesia. Bem andou pois a empresa do *D. Amélia*, representando o *Padre Juanico*, drama que o publico de Lisboa não conhecia. Foi um acto de vulgarisação muito louvavel, e uma excellente idéa para finalizar a série de peças novas, dadas esta epocha n'aquelle theatro.

E agora, para a proxima temporada, que os srs. comediographos vão amojando o melhor do seu talento, e que as empresas organisem bizarramente elencos e repertorios. Vale a pena. A predilecção do publico pelo theatro cada vez é maior. Mãos á obra, portanto.

... E nos suppomos com fundamento que iremos ter algumas bellas surpresas!

ABEL BOTELHO.

GALERIA INTERNACIONAL

Typos de belleza



M.ª Helena Domit, de Berlim

BRASIL PORTUGAL

Impressão na typ. da Comp. Nacional Editora
LARGO DO CONS. BARRIO, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUÍS ANTONIO SANCHES
Redac. e admitt. — R. IVRENA, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$000	Anno.....	2\$000	Anno.....	2\$000
Numero avulso.....	1\$500	6 meses.....	2\$000	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$000	Numero avulso.....	2\$500
		Numero avulso.....	2\$000		

SUMMARY

Carta autographa do dr. Campos Salles (vinhetas expressamente feitas por Conceição Silva).
Chronica Electrica — BEANS, PORTUGAL.
No «Chapou de Sol» — CONDOMINIO SEMEA FERREIRA.
Pedro Alvares Cabral — SOTTA VITREO.
(o palacio da Rosa — casa de Antonio Melhor).
Valeria da Imprensa: — *Diario de Noticias*, Dr. Alfredo da Cunha; *O Seculo*, Silva Graca.
Renda portuguezas, de D. Maria Augusta Beodalla Pinheiro.
Pavos-Plata do livro em preparação «Viagens» — ANTONIO DE FERRAZ.
O dr. Joaquim Evaristo — Dr. LAURENÇO PIETO.
Instituições portuguezas no Brasil — Gabinete Portuguez de Leitura — VISCONDE DE PAZ E OLIVEIRA.
Machina de guerra portugueza: — O armarado D. Carlos Jacintho Camillo — SOTTA VITREO.
Musica de Oscar da Silva — canção de Guerra Junqueiro, mundo mundo.
Os amadores de Camillo, por Alberto Pinto — SILVA PIETO.
Agnarella — Jêta Saravia (illustração de Conceição Silva).
Theatros — ANTO BOYLAND.

Páginas supplementares

Os que chegam.
Lorjô Tavares no Pará.
Sciencia facil.
Photographs amadores.
Actis de sur formosa.

36 ILLUSTRAÇÕES

Os que chegam

Pelo «Brésil»

Numerosos passageiros, quasi todos compatriotas nossos, trouxe para Portugal, de varios pontos do Brasil, o paquete *Brésil* das Messageries, no dia 27 de abril ultimo.

Destacamos entre elles, os srs. **Visconde de Avelar**, o illustre presidente da Real e Beneficencia Sociedade Portugueza de Beneficencia, do Rio de Janeiro, a qual tem prestado os mais relevantes serviços.

No proximo numero do *Brasil-Portugal* damos conta do Relatório d'essa sociedade apresentado pelo sr. visconde á assembléa geral, ha 2 mezes.

Negociante de grande respeitabilidade, socio de quasi todas as associações de beneficencia e de instrucção, é um dos que honram de veras a colonia portugueza do lito e dos que, pelo seu recto proceder tem direito, á estima de todos os portuguezes.

Manoel Tavares Machado, um dos mais conceituados negociantes do Rio de Janeiro, onde reside ha 36 annos. É natural de Oliveira de Pradas, para onde partiu agora, em visita aos seus, que não via ha 7 annos. É socio da Beneficencia Portugueza do Rio, da Caixa de Soccorros D. Pedro V e de outras instituições portuguezas.

Antonio Sousa Pinto, que do Porto, onde nasceu, partiu ha 5 annos para o Rio, onde como artista tem ganho creditos. Contam-no tambem como seu socio as duas instituições de que acabamos de falar.

Antonio Joaquim da Rocha Valle, esteve tambem 5 annos no Brasil onde se consagrou á vida de lavrador. A sociedade portugueza de beneficencia de S. Paulo, deve-lhe relevantes serviços. Partiu para Villa Nova de Cerveira, á sua patria, onde vem fixar-se.

Antonio Nello Cordeiro, Acopian, adripte-se para a sua terra, S. Miguel, onde é proprietario e d'onde esteve ausente apenas tres mezes.

Antonio Augusto Cesar dos Santos, Regressa ao Porto, d'onde ha 30 annos partiu para o Brasil. Capitalista considerado, prestou bons serviços no lito ao Gabinete Portuguez de Leitura e á Beneficencia Portugueza. Havia 3 annos que não visitava Portugal.

Francisco Manoel de Araujo, Depois de uma ausencia de 6 annos, volta do Rio para a sua formosa provincia do Minho — freguezia de Oleiros (Ponte da Barca). Dedicou-se ao commercio na capital brasileira, onde o contavam no numero dos seus socios, entre outras instituições portuguezas a *Sociedade Augusto de Castilho*.

Victorino Moreira da Rocha, Commerciantes no Rio, vem residir em Lisboa. Pertence á Sociedade de Beneficencia Portugueza e agracion-o com uma commenda do nosso governo. Foi um acto de justiça.

João Rosa Valente, Negociante em Pernambuco, onde reside ha 9 annos, volta á sua patria, o Porto. A Sociedade de Beneficencia, o Hospital, o Gabinete de Leitura, d'aquella formosa cidade brasileira, contam-n'o entre os seus socios mais prestimosos.

Domingos José da Motta, Vem do Rio, onde está ha 3 annos. Natural de Braga volta á sua risonha freguezia de Turis — Villa Verde. Commerciantes no Brasil, faz tambem parte da Beneficencia Portugueza.

Luiz Antonio Rodrigues, Negociante ha 10 annos no Rio de Janeiro, vem visitar a sua terra — Favelas de Coara. Naquelle cidade pertence, entre outras associações, á estas: Saldanha da Gama, Restauração de Portugal, Protector da Colonia Portugueza, Luiz de Camões.

Antonio Augusto Carvalho, Cidadão brasileiro, é negociante no Rio, para onde volta depois de uma curta demora em Lisboa.

Antonio Sousa Almeida, É tambem negociante no Rio ha 15 annos, o volta para Felgueiras, terra onde nasceu. Pertence ao Grande Oriente do Brasil e Protector da Colonia Portugueza.

Francisco Pereira dos Santos, Ha 18 annos que é negociante no Rio de Janeiro, onde tem prestado serviços importantes aos seus compatriotas na Beneficencia Portugueza. Regressa a Foyares, onde nasceu e d'onde partiu.

No mesmo paquete vieram os srs. **João da Silva Relvas**, que tem a sua casa commercial na Rua do Mercado, Rio de Janeiro, e que volta para o Porto; **Jose da Silva Moraes**, que vem do Rio, e **João Manoel Araujo Pereira**, que depois de uma residencia de 4 annos em Pernambuco, onde é negociante, vem visitar a sua terra: Santo Thyso.

No vapor *Portugal*, chegado poucos dias antes, regressou ao reino um dos mais bemquitos entre os nossos compatriotas, que fizeram do Brasil a patria adoptiva. É o sr. **M. Nogueira de Sousa**, considerado negociante que goza no Rio de Janeiro sympathias geraes.

A verificação de bagagens e o serviço de desembarque no Lazareto, que d'antes era tumultuario e até perigoso, obedece hoje a uma direcção lito acertada, que merece todos os louvores, porque não origina nem um conflicto nem uma reclamação. É o que se observa e o

que affirmam todos os que chegam da America do Sul. Deve-se esse importantissimo melhoramento ao chefe de delegação, o sr. José Pery de Linde, que, auxiliado pelo aspirante aduaneiro, o sr. Antonio Augusto de Sousa, dirigem o desembarque de todos os passageiros.

Vamos abrir uma secção de informações aduaneiras, confiadas a pessoa da maior competencia, que n'estas columnas toma o compromisso de responder a todas as perguntas que sobre qualquer serviço de alfandega sejam dirigidas ao *Brasil-Portugal*.

Desta fórma julgamos tornar a muitas pessoas util esta Revista.

Lorjô Tavares no Pará

A imprensa do Brasil

Da Provincia do Pará:

«Tivemos hontem a agradável visita do distincto litterato Lorjô Tavares, que aqui vem como representante da revista *Brasil-Portugal*, da qual é redactor.

O *Brasil-Portugal*, além do valor que necessariamente deve ter pelos nomes que assignam o seus trabalhos e pela garantia dos que o dirigem — Jayme Victor e Lorjô Tavares, tem outro, que por todos os principios o tornam senhor das nossas sympathias — o do commandante Castilho.

A Lorjô Tavares desejamos todas as prosperidades n'esta terra, e aqui lhe damos o cordel abraço de chegada, que lhe devemos como collegas e como amigos. — Tilia.

*Entregues pelo proprio sr. Lorjô Tavares recebemos os 4 primeiros numeros da bella revista *Brasil-Portugal*.

Folheamos de principio ao fim, presos do artistico de suas paginas, do bem feito das illustrações, do cuidado que preside á menor insignificancia, mostrando um grande estorço, muito trabalho e merito talento.

Brasil-Portugal, dizem-o com toda a franqueza, é em nossa opinião, a primeira revista que se publica em Portugal.

As suas congengeres da França não lhe levam mesmo deanteira: é uma revista que honra a terra onde foi feita.

Toda ella emana sympathia, desde os nomes que lhe estão na testada e que são seguro penhor, que todos nós os conhecemos, pela sua valia, até aquellas que nas pequenas secções, sempre tão descuradas, no *Brasil-Portugal*, mostram uma delicadeza, um *soaveir faire* pouco commum.

O lapis de Celso Herminio por ali anda palpando diabruras, illustrando choer de sarre contos em verso e em prosa, emoldurando com a sua phantasia bellas retratos.

Tem secções inteiramente novas, desconhecidas, nas revistas, que todas andam pelos

passos umas das outras e que são cheias de interesse e de valor.

Tem uma dedicada especialmente aos jornais do Brasil e Portugal, que foi encetada pelo retrato do redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, o decaído da imprensa brasileira.

Quem conhece a boa vontade, o capricho com que Lorjô Tavares se mette n'estas empresas, affiança que fazemos, que *Brasil-Portugal* será uma revista *smart*, sob todos os pontos de vista, melhorando sempre, se acaso o *Brasil-Portugal*, no deslumbamento em que nos apparece, for sensível de melhora.

Seria longo descrever aqui os 4 números que recebemos: tirar o melhor para transcrever é impossível, porque seria necessario transcrever tudo; assim n'esta apreciação que fazemos calamos tudo quanto vimos, mesmo para despertar curiosidades, que já sabemos mal contidas.

A nova revista *Brasil-Portugal* todos os nossos desejos de prosperidades e o nosso cordial abraço de bem-vinda.

Da Republica:

«Esteve hontem n'esta Redacção, visitando-nos, o distincto escriptor portuguez Lorjô Tavares, que durante o curto tempo que se demorou entre nós evidenciou a sua extrema gentileza para com o Brasil e o nosso meio litterario, mostrando-se ao facto do movimento das nossas cousas e um fino espirito de observação.

O sr. Lorjô Tavares vem tratar da installação das agencias e propaganda do *Brasil-Portugal*, a nova publicação portugueza de que o nosso illustre visitante é director com Jayme Victor e Augusto de Castilho.

Agradecemos a sua visita. — Stella.

Da Folha do Norte:

«Graças á gentileza pessoal de um dos seus directores, o brilhante chronicista Lisboaeta, sr. Lorjô Tavares, annunciamos hoje o apparecimento, em Portugal, de uma revista quinzenal illustrada, cujo titulo *Brasil-Portugal* evidencia inspiração creadora do scintillante periodico.

Quatro numeros, que tantos aos os publicados, nos offertou o sr. Tavares, cujos esforços e atilada vista profissional são secundados, na direcção, pelos srs. Augusto de Castilho e Jayme Victor, nomes que repellim, por valor proprio, as apresentações de encomenda.

No corpo de collaboração pompêia a fina flor do talento, que nos dois paizes — amigos na irradicavel consanguinidade de uma mesma civilisação — se apruma, com galhardia e denodo, nas liças do espirito vivaz e creador.

Nenhum assumpto escapa a vistas tão perspicacias: desde o tom quasi dolente na palavra rythmada, até á severa locucção sociologica, desde os adoraveis nadas das modas e salões até ás linacões, com a milicia de suas cifras soporiferas, — tudo descobre ao leitor elevado, a sua nota typica, o seu traço differencial, as suas linhas concetivas.

Na altura de tão rico e variado conjunto, pompêam illustrações primorosamente acabadas, testemunhos indiscutíveis de que a graphia artistica em Portugal se brazona em titulos honrosissimos.

Esta, é a impressão que nos deixou a leitura da formosa Revista.

Do Pará:

«O infatigavel e brilhante jornalista portuguez Lorjô Tavares acaba de nos brindar com os 4 primeiros numeros da brilhante revista *Brasil-Portugal*, de que é director, e em cuja propaganda veio ao Brasil.

Podemos asseverar que, feita em Portugal, nenhuma revista ainda imitou-a, — tal a elegancia e o gosto que presidem á factura do *Brasil-Portugal*.

Se a parte litteraria, cuidada e bem feita, é um primor, — para o que bastam os nomes de Lorjô Tavares, Augusto de Castilho e Jayme Victor, a parte illustrada é bellamente acabada, e tudo promette, uma vez que á sua frente está o talento privilegiado de Celso Herminio, o director artistico da nova revista.

A capa, uma bella aguarella do talentosissimo Roque Gameiro é photogravada por Pires

Marinho um outro trabalhador cujo nome vai ganhando a consideração universal.

Resumindo: o *Brasil-Portugal* rivaliza com as melhores publicações no genero, razao pela qual aspiramos-lhe longa, fructuosa vida, cheia de loiros... e tambem de dinheiro, que é a mola real do mundo.

Ao Lorjô um abraço e a nossa gratidão.

«Lorjô Tavares. — Gemia o prelo dando á estampa a nossa edição de hontem quando, portas a dentro, veio visitar-nos o conhecido jornalista e fino escriptor Lorjô Tavares. Com aquella affabilidade que lhe é peculiar, logo e logo estabelecemos connosco a mais cordial intimidade, deleitando-nos com a sua prosa simples, fluente, farta.

Gratissimos pela visita, apertamos-lhe as mãos, fazendo votos para que os seus desejos, a causa de sua vinda ao nosso meio, seja coroada de feliz exito.

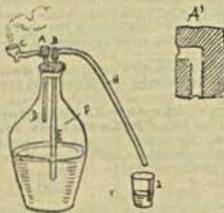
PHOTOGRAPHS AMADORES

Temos em nosso poder clichés photographicos que dos varios pontos do paiz nos tem sido enviados e gentilmente offerecidos. No nosso ultimo numero publicamos a reprodução da estatua de Affonso de Albuquerque feita sobre um cliché primorosissimo, do illustre architecto o sr. Rozendo Carvalho, que nos offereceu muitos outros, para os nossos seguintes d'esta Revista, mostrando-se d'esta forma um amator dos mais distinctos.

A todos cordalmente agradecemos.

SCIENCIA FACIL

PHISICA RECREATIVA. — O CACHIMBO QUE FUMA. — Enche-se d'agua uma garrafa (F) até dois terços da sua altura fechando-se em seguida com uma rolha atravessada por 2 tubos de vidro de desigual comprimento. Um d'elles (D) não deve passar do gargallo e por deve ir até perto do fundo da garrafa. Ao primeiro d'estes tubos adapta-se por meio d'uma rolha (A) um cachimbo (C). A rolha é atravessada por 2 canaes que se encontram em angulo recto. A figura ao lado (A') mostra com os dois canaes se encontram.



Ao lado (E) adapta-se por meio de uma rolha (H) exactamente equal á precedente um tubo curvado (H) cuja extremidade livre se vai abrir perto d'um copo (I).

Em seguida enche-se de tabaco o forno do cachimbo e colloca-se em cima uma pequena brasa: aspira-se pelo tubo (A) a agua da garrafa. A agua escorre para o copo (I). O vazio social produzido pelo escoamento da agua é immediatamente preenchido pelo ar exterior que para vir para a garrafa tem que atravessar o cachimbo; este accende-se e a combustão do tabaco continua enquanto dura o escoamento da agua.

Esta experiencia é muito simples de preparar e o seu resultado é interessante.

PARA FAZER GELÓ. — Tomar 7 partes de acido sulfúrico de commercio, e dilui-o em 5 partes de agua n'um vaso de vidro. Esta mistura aquecerá bastante. Deixa-se porém esfriar, e tomando-se d'ella meio litro e juntando-o a dois kilos de sulfato de soda crystallizada, o lúrio produzido será tão intenso que mettendo-lhe dentro um vaso de porcellana contendo agua, esta gelará rapidamente.

ORAVAL

ARTE DE SER FORMOSA

As unhas

No nosso n.º 4 promettemos occupar-nos das unhas das mãos femininas, e aqui fazemos agora segundas as indicações da condessa de Valresson que é perita autorisada no assumpto. Segundo ella, umas unhas levemente rosadas, de fórma regular e superficie brilhante, são sempre motivo de essencial belleza para as mãos de qualquer senhora galante. E um puro engano suppor-se que as unhas compridas constituem signal de elegancia (a não ser na China).

As unhas nunca devem exceder a extremidade dos dedos se as quiserem conservar flexiveis, transparentes muito limpas e bonitas. As unhas que excederem esta dimensão, tornam-se amarellas, recurvas e d'uma consistencia cornea muito desagradavel.

O melhor meio de as limpar é esfregal-as com escova apropriada uma ou duas vezes ao dia, em agua bem clara, na qual se devem deitar algumas gottas de ammoniaco.

Seccas as mãos, as unhas devem aparar-se com uma lima, e não á thesoura como usa a maioria da gente. As melhores limas para esse fim são as de serralheira, de serrilha muito miuda e fina, que gastam á unha suavemente sem a fazer estalar nem levantar as laminas sobrepostas que a constituem.

O contorno do engaste da unha deve tambem merecer especial cuidado, tanto na fórma de o cortar como de o acconchar de encontro á carne. Esta operação deve fazer-se com methodo evitando sempre arrancar esse tecido, o que pôde ser causa de graves inflammções degitias. Todos sabem os resultados provenientes de arrancar com os dentes uma *espiga* dos dedos.

Deve-se humedecer com um panço o tecido que forma o engaste da base da unha, despegando o depois de cortado, com cautella, até deixar a descoberto a *madre* ou mancha branca em fórma de meia lua que se encontra na raiz da unha.

Este é o modo primordial de tratar das unhas com acção, conservando-lhe uma apparencia accetavel.

Subsequentemente indicaremos varios meios de tratamento que pertencem á arte e á elegancia reunidas para darem tom e distincção a este natural ornamento do corpo humano.

Horas de ocio

Charadas novissimas

Não de habitar na Sibicia — 1.1.
Encontrei uma mulher no logar d'esta cidade — 2.1.
Esta espiga tem valor e deu prova de leozura — 3.1.
Não me agrada o tracto do Brasil — 2.2.
Esta dividida filha do coo foi uma sibila celebre — 1.1.
Uma bella faz soffrer o malvado — 2.1

Correspondencia em miniatura

Não sou poez *Libanio*. — Ainda bem. Ao menos V. S.ª não deixa o seu credito por mãos alheias.

Avião era factor... *Libanio*. — Era: guardava o oitavo e unha vez cós seus orbeis; e V. S.ª é o faz-no *Ignor d'Horla*! Mal empregados 25 reis que eu gastei com V. S.ª. Antes os deixasse no cofre das bellotas alma!

D. FERREIRELLAS *Libanio*. — Muito agradecido. Conta com mais alguma visita de V. S.ª

F. A. DE MATTEO.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excelente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Caza dos Oito Globos

RUA AUGUSTA, 286



Hotel do Parque
GEREZ

successor
Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Francisco d'Oliveira
Sapataria Liso-Brazileira

Calçado de luxo para exportação
Fabrico exclusivamente "Manual."

93, RUA DO OURO — LISBOA

MACHINAS SINGERS PARA COSTUR

Bobina central.

Em machinas de costura é o que ha de mais maravilhoso.
É propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril Sinters.

A machina **BOBINA CENTRAL** reúne as grandes qualidades essenciaes de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA
Largo do Conde Barão, 36—Calçada da Graça, 10
111, Rua da Junqueira, 111

PERFUMARIA BALSEMÃO

Perfumes lindos recebidos directamente dos principaes fabricantes Finissima Velocidade Y Intelsa, fabrico especial para esta casa, a qual continua a vender a pouca distancia por quantidades. Bonitas caixas com pó de arroz e varios objectos de toilette. Sempre novidade em perfume.

Celastino Balsemão
R. dos Retrozeiros, 141—LISBOA

HOTEL DURAND
English Hotel—Lisboala
71, Rua das Flores—Largo do Quitalia

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Empresa Nacional de Navegação
Carrisso mensal para a Costa d'Alfrica Occidental

Sahidas a 4 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:
Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Caldeira, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Moçamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 4 e não fazem escala por: Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os de dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8, 1.^o

Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.
Escritorio:
Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depósitos de vinhos de todas as regiões de Portugal.
Vinhos premiados em todas as exposições a que tem concorrido.

Marca registada. Casa fundada em 1870.

"VIOLETTE ROYALE," Experimentem
Perfume finissimo para o lenço—FRASCO 850 RÉIS

Armazem de Novidades 90, 1.^o, R. do Carmo LISBOA

ELYSIO SANTOS & C.^a
Grandes armazens de estofador

Mobílias, Estofos, Alcatifas, Caires, Pitas e Capacharia

Mobílias estofadas em todos os generos. Jogo de sofa e dois divans desde 20000 réis. Estofos a metro; acromento colossal em benguetas, sêas, jitas, cretozes, etc. Oleados e cortinões para tapetar. Deposito das fabricas de tapetes e passadeiras de pita no tecido mais resistente que se conhece. Enorme variedade em pinnos de mesas, cortinados, franses, abracadeiras, cobredores e em geral todos os artigos proprios d'armador e estofador. Especialidade d'esta casa: MOVEIS DE PHANTASIA PARA DECORAÇÃO DE SALAS.

Rua Augusta, 83 a 93—LISBOA

Gravura de sellos d'armas, brazões, monogrammas, para marcar com tinta, em lacre ou allo relevo, Carimbos de borracha e de metal em todos os generos. Especialidade em bilhetes de visita. E. R. de Sousa—gravador, successor de Figueiredo—gravador da Casa Real.

Casa fundada em 1819.
157, Rua do Ouro, 159
e R. da Victoria, 98 e 100 (junto a Estreja)

A PORTUGUEZA
FABRICA DE COLCHONS D'ARAME
LEITÕES DE FERRO E LATAO
FRANCISCO NIVES

VENDAS A PRESTAÇÕES DO DINHEIRO
54—RUA DE SANTA JUSTA—56
LISBOA

CENTRO DA MODA
MALDONADO & C.^a
92 A 96, R. AUGUSTA, 92 A 96

Grande exposição de rouparia branca para senhoras, homens e crianças

M. Saldanha & Comp.^a

Commissões e consignações, exportadores de productos nacionaes e estrangeiros.

Rua Augusta, 100, 1.^o—E.
Endereço telegraphico—LISBOA